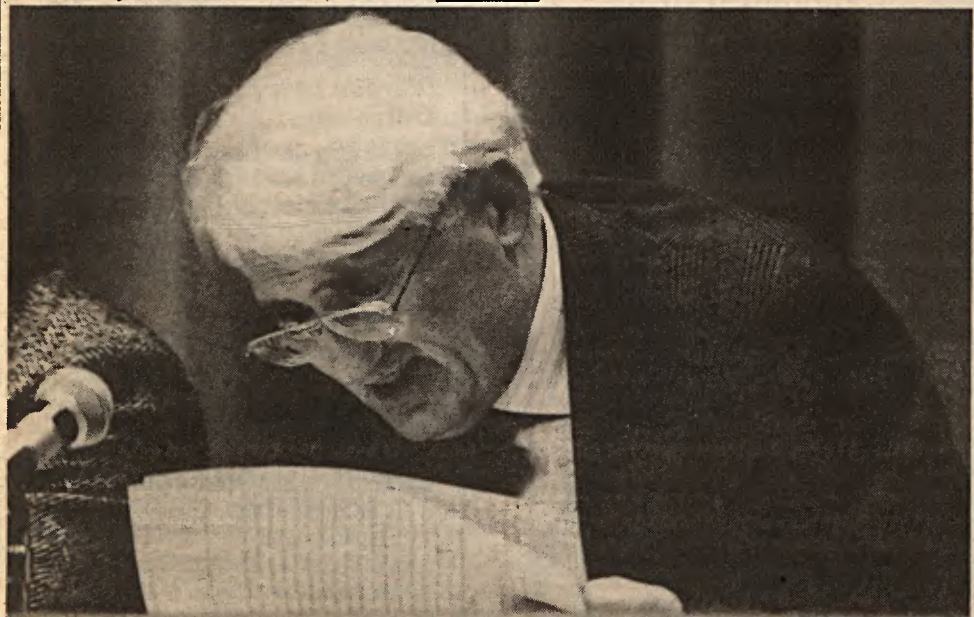




CULTURA



Plano de Carreira estimula desempenho

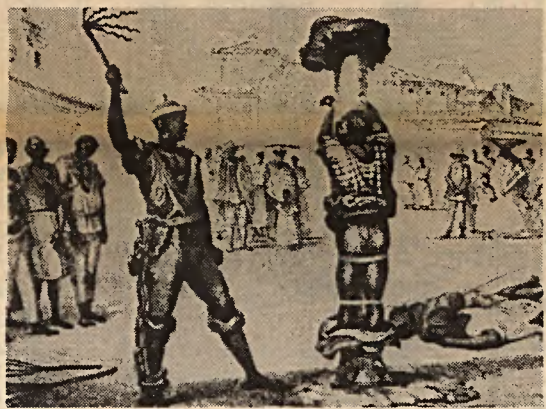
O novo Plano de Carreira altera a atual estrutura de funções e salários da Universidade e busca um gerenciamento de pessoal mais eficaz. Págs. 4 e 5

Experiências com animais geram polêmica e dividem o campus de Marília. Pág. 13

Araraquara resgata o legado filosófico da Escola de Frankfurt

Assis investiga a escravidão, das origens à abolição

Pág. 11



Jorro de luz

A Idade Média, um período de trevas? Esse livro, lançado pela Editora UNESP, diz que não. Pág. 10

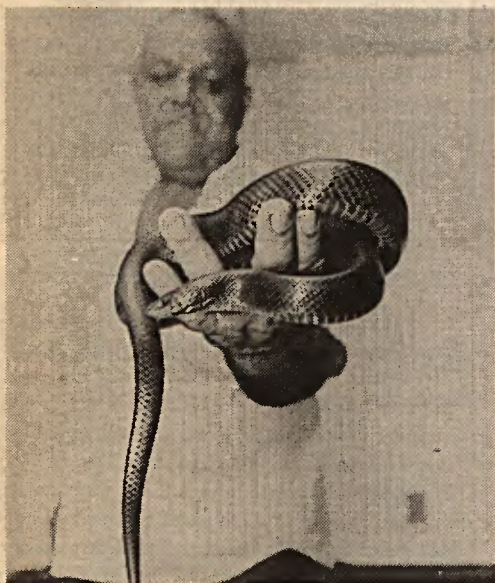


I Expounesp

O evento divulgará a produção científica e acadêmica da Universidade, como a trabalho do IPMet (foto). Pág. 13



PESQUISA



Centro interdisciplinar estuda animais peçonhentos e descobre novas aplicações para venenos de cobras, aranhas e abelhas. Pág. 7



O que (e como) lêem os jovens

De acordo com pesquisa de docentes da FCL de Assis (foto), eles têm lido pouco e mal. A ponto de confundirem Sabrina com Machado de Assis. Pág. 16

ENTREVISTA



Aos 68 anos, o geneticista Warwick Kerr, agraciado há pouco pela Academia de Ciências americana, recomeça sua carreira. Págs. 8 e 9

QUINO



Considerado um dos desenhistas de humor mais importantes da atualidade, o argentino Joaquim Salvador Lavadio, o Quino, notabilizou-se internacionalmente com a criação da *enfant-terrible* Mafalda, que dispensa apresentações. Nesta edição, iniciamos a publicação de uma série de desenhos seus, lançados pela Editora L&PM no livro *Quinoterapia*, onde o autor é flagrado em meio a consultórios médicos, sessões de análise ou laboratórios de pesquisas científicas.

CARTAS

Idade Média

Tomamos conhecimento, através de resenha publicada no *Jornal do Brasil*, do lançamento do livro "As Universidades na Idade Média", de Jacques Verge, pela Editora UNESP. Solicitamos informações de como fazer para adquiri-lo.

Manoel Ramalho, Universidade Federal de Alagoas

Caso o livro não possa ser encontrado em livrarias, escreva para Editora UNESP - Av. Rio Branco, 1.210. CEP 01206. São Paulo, SP. Publicamos resenha sobre o livro à página 10 desta edição.

Útil

Gostaria de deixar registrado o meu aplauso pela edição de tão belo, instrutivo e útil periódico. Parabéns a toda a equipe.

Oswaldo Lopes de Brito, jornalista

Estranheza

Manifestamos nossa estranheza pela ausência, na edição de maio deste jornal, de uma matéria sobre o I Congresso Estadual Paulista de Formação de Educadores - Rumo ao Século XXI, realizado em Águas de São Pedro entre os dias 20 e 23 de maio último.

Departamento de Educação de Presidente Prudente; **Paschoal Quaglio**, Marília; **Leonor Maria Tanuri**, FFC, Marília.

Já na edição de abril, n.º 46, o Jornal da UNESP publicou reportagem dando conta da realização do evento. A periodicidade mensal do jornal e a data do congresso exigiriam que a cobertura do evento fosse veiculada nesta edição, correspondente aos meses de julho e agosto, o que esvaziaria de sentido a sua publicação. De qualquer forma, admitimos nossa falha em não marcarmos presença em Águas de São Pedro.

Agradecimentos

Escreveram agradecendo o envio do Jornal da UNESP as seguintes instituições: Instituto de Ciências Exatas da Universidade do Amazonas; Biblioteca da Fundação Educacional do Estado do Pará; Biblioteca da Fundação Educacional do Estado do Pará; Biblioteca da Fundação Educacional da Região de Joinville - FURJ; Faculdades de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; Biblioteca da OMEC - Universidade de Mogi das Cruzes; Biblioteca Central da Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal; Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva; Biblioteca Central da Universidade Católica de Petrópolis.

unesp

Universidade Estadual Paulista
Reitoria: Praça da Sé, 108 - CEP 01001 - São Paulo, SP.
Campus Universitários: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.

Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia - FATEC - de Americana, Baixada Santista, São Paulo e Sorocaba).

Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macedo

Pró-reitor de Graduação: Antônio César Perri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima de Castro, Antenor Araújo, Antônio Carlos Massabni, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecílio Linder, Dinah Borges de Almeida, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Moura, Jayme Wanderley Gasparoto, José Enio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Márcio Antônio Teixeira, Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Néelson de Araújo, Néelson Gimenes Fernandes, Néelson Múrcia, Nivaldo José Bósio, Paulo César Naoum, Paulo de Tarso Oliveira, Sérgio Nereu Pagano, Tatsuko Sakima e Telmo Correia Arrais.

Representante das Unidades Complementares: Newton Castagnoli.

Representantes Docentes: Antônio Carlos Silveira, Antônio Celso Wagner Zanin, Arleta Nóbrega Z.M. de Campos, Carlos Alberto Penatti, Cristo Bladimiro Melios, Euripedes Alves da Silva, João Alberto de Oliveira, José Aluizio Reis de Andrade, Kleber Pinto Silva, Luiz Carlos Donadio, Luiz Roberto Trovati, Maria Amélia Máximo de Araújo, Mário Balistieri Sobrinho, Myrian Xavier Frago, Nariaqui Cavaguti, Odair Correa Bueno, Odebler Santo Guidugli, Olga Ceciliato Mattioli, Paulo Eduardo de Toledo Salgado, Reinaldo Ayer de Oliveira, Sebastião Hetem, Sheila Zambello de Pinho, Tereza Maria Malatian e Wellington Dinelli.

Representantes Discentes: Alexandre Martoni Patiri, Antônio Donizete Fernandes, Carlos Alberto Yara, Franco Borsari, José Aécio Silveiro Janini, José Gilberto de Souza e Renato Fonseca Barcellos.

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Antônio Sérgio Brito, Daltro Brandão, Edmilson de Nola Sá, Gessé Gerardi, João Cardoso da Silva, José Eduardo S. Candeias, José Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria José Manoel e Maria José R. Martins.
FIESP: Horácio Lafer Piva
FAPESP: Néelson de Jesus Parada

Jornal da UNESP

Editor responsável: José Roberto Ferreira (MT 17.039)

Editor: Paulo Velloso

Redação: André Louzas e Denise Pellegrini

Editor de Arte: Celso Pupo

Produção: José Luiz Redini

Tiragem: 20.000 exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.

A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua do Carmo, 44, 5.º andar CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone: 37-4479.

Composição, Fotolito e Impressão: DCI - Indústria Gráfica & Editora S.A.

Os destinos da educação

A situação deplorável da educação no Brasil, mal crônico que vem mantendo à margem da vida social e política milhões de brasileiros, apresenta-se agora como o maior e mais sério obstáculo ao projeto de modernização da economia nacional. Diante dessa perspectiva, a meta tantas vezes descuidada de formar o brasileiro para a plena realização pessoal e para o exercício consciente da cidadania passa a contar com motivação que talvez se revele mais eficaz, tendo em vista as agruras e as urgências do atual momento econômico. Ao que tudo indica, já se tem clara consciência de que, em educação, é preciso recuperar, a curto prazo, o tempo perdido.

A tarefa não é fácil e, para enfrentá-la, é necessário que não se repitam algumas desastrosas experiências do passado. No afã de mostrar resultados de imediato, montam-se atabalhoadamente projetos especiais, mobilizam-se recursos extraordinários para a realização de intervenções pontuais que deixam à margem, ou que envolvem apenas ocasionalmente, os agentes dos sistemas de educação. A experiência tem demonstrado que a inexistência de suporte institucional adequado para o desenvolvimento dessas ações dificulta a integração dos esforços, prejudica a convergência dos mesmos no sentido dos objetivos visados, limitando-lhes a eficácia, e não garante a continuidade do trabalho.

Sem dúvida, há momentos em que se torna inevitável mobilizar todos os setores da sociedade em torno de um objetivo comum. Contudo, é imperioso que tais ações emergenciais integrem-se aos esforços dos órgãos oficiais responsáveis pelo desenvolvimento do ensino em todos os seus níveis.

No momento, a educação no país está sendo reformulada em suas bases institucionais. No Congresso Nacional, encontra-se em tramitação a nova Lei de Diretrizes e Bases, de orientação descentralizadora, a qual, ao que tudo indica, deverá conferir maiores responsabilidades aos sistemas estaduais de educação. Conseqüentemente, deverão ser reformuladas, em nível estadual, as diretrizes que norteiam a organização dos sistemas de ensino. Este é, pois, o momento de rever os suportes institucionais da educação em nosso Estado, com vistas à integração e à otimização das ações desenvolvidas por todos os órgãos oficiais e ao adequado controle das atividades da iniciativa privada no campo da educação.

Em São Paulo, graças às sólidas bases acadêmicas que lhes serviram de suporte e ao trabalho competente de seus docentes, as universida-



Mariza Dias Costa

des estaduais representam o que há de melhor no país em ensino e pesquisa. É preciso cuidar, portanto, para que as novas diretrizes legais, ora em elaboração na Assembléia Legislativa, não apenas garantam as condições necessárias ao prosseguimento desse trabalho, mas também permitam que ele possa repercutir no ensino de todos os níveis em nosso Estado.

Muito se tem dito e escrito sobre o estado precaríssimo da rede pública de 1.º e 2.º graus e sobre o despreparo de seus docentes, em sua grande maioria oriundos de estabelecimentos de ensino superior de baixo nível. Os salários insuficientes e as péssimas condições de trabalho vêm afastando do ensino público fundamental os egressos das universidades estaduais. Em tais condições, a ampliação das vagas nos cursos de licenciatura oferecidos pelas universidades não contribuiria por si só para alterar significativamente a situação.

Visando à expansão da oferta do ensino superior público e gratuito, a Constituição Estadual previu a existência de estabelecimentos de ensino superior não vinculados às

universidades. Como garantir tal expansão de vagas, nos períodos diurno e noturno, sem prejuízo da qualidade do ensino e do desenvolvimento da pesquisa? E, ainda, preservada a qualidade do ensino público superior, como atuar sobre as instituições privadas de baixo nível, a fim de impedir os funestos reflexos dos diplomas fáceis e dos cursos de fim de semana no ensino público de 1.º e 2.º graus?

Movida pelo objetivo de promover a melhoria do ensino em nosso Estado, a UNESP, por intermédio do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais, participa ativamente do processo de reorganização do sistema de ensino do Estado de São Paulo, ora em curso na Assembléia Legislativa, visando garantir o suporte legal necessário à melhoria da qualidade do ensino em nosso Estado.

Em colaboração com o CRUESP, ao mesmo tempo em que se empenha por garantir às universidades o suporte legal necessário no efetivo exercício da autonomia de gestão financeira, a UNESP preocupa-se em definir, em projeto

de lei, a organização da rede pública de ensino superior em nosso Estado, de forma a assegurar a qualidade do ensino nos institutos estaduais de ensino superior, inclusive mediante articulação de tais instituições com as universidades estaduais, respeitada a autonomia dessas últimas.

Quanto ao ensino privado de nível superior que, por força da Lei de Diretrizes e Bases ainda em vigor, se situa sob a jurisdição do sistema federal, as normas que o regem escapam ao âmbito estadual. Felizmente, ao que tudo indica, a nova Lei de Diretrizes e Bases, indo ao encontro de uma antiga e insistente reivindicação do Estado de São Paulo, deverá integrar o ensino superior particular aos sistemas estaduais de ensino. Caberá então ao órgão normativo do sistema — o Conselho Estadual de Educação —, estabelecer as condições para a criação de faculdades e de cursos, bem como fixar normas para a respectiva supervisão. Nos termos da Constituição Estadual, as atribuições, a organização e a composição desse Conselho serão definidas em lei. Fica claro que a adequação da rede particular aos padrões de qualidade do ensino superior oficial dependerá, fundamentalmente, dessas definições legais.

Ainda conforme preceitua a Constituição Estadual, as diretrizes gerais da política educacional no Estado de São Paulo, extensivas à rede privada, serão definidas em lei e integrarão o Plano Estadual de Educação. Observe-se, a propósito, que o anteprojeto relativo às universidades, atribuído ao CRUESP a formulação da proposta do Executivo estadual, relativa ao ensino superior, para o Plano estadual de Educação.

Finalmente, de acordo com o disposto no artigo 251 da Constituição do Estado de São Paulo, "a lei assegurará a valorização dos profissionais do ensino, mediante a fixação de planos de carreira para o Magistério Público, com piso salarial profissional, carga horária compatível com o exercício da função e ingresso exclusivamente por concurso de provas e títulos".

Especialmente no que diz respeito às condições a serem fixadas para ingresso e progressão na carreira, não seria este o momento de privilegiar os cursos superiores de alto nível e de garantir que as promoções ocorram de acordo com critérios de qualidade?

Como é possível verificar-se, os destinos da educação no Estado de São Paulo dependem basicamente desse conjunto de definições legais. É imprescindível, portanto, que a universidade participe decisivamente desse processo.



Novo Plano de Carreira estimula desempenho

A proposta altera a atual estrutura de funções e salários da Universidade e busca um gerenciamento de pessoal mais eficaz

Um médico deve receber um melhor conceito dentro da sua função, apenas por apresentar o diploma de Medicina? E a avaliação de um escriturário, pode ser mais positiva se ele tiver um curso de laboratório? Normalmente, a resposta a essas perguntas seria não. No entanto, casos como os citados estavam recebendo o tratamento inverso na UNESP, devido a alguns mecanismos que se instalaram no Plano de Carreira implantado a partir de 1987. Destinado a dar um novo perfil ao quadro de funcionários da Universidade, o Plano teve seus méritos, porém também abriu espaço a algumas distorções.

A necessidade de discussão sobre o problema e a busca de alternativas levou a Reitoria a organizar, em 1989, a Comissão de Avaliação das Carreiras do Pessoal Técnico-Administrativo. A partir de então, dez pessoas, representando o corpo docente, técnico e administrativo, se reuniram regularmente. O grupo foi coordenado pelo professor Antonio Carlos Silveira, do Departamento de Melhoramento e Nutrição Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) do campus de Botucatu. Mais de um ano depois, a minuciosa atividade da Comissão se condensou na proposta para um novo Plano de Carreira, que no final do mês de julho chegou oficialmente ao gabinete da Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento.

O vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo, elogia o trabalho da Comissão e adianta algumas das vantagens do projeto que agora está sobre a sua mesa: "O Plano de Carreira será um instrumento de incentivo ao progresso funcional dos servidores, o que trará como conseqüência um rendimento mais adequado nas atividades que eles desenvolvem e uma maior eficácia administrativa", assinala. De acordo com o professor Arthur, na nova situação prevista pelo Plano, os funcionários da UNESP terão diante de si mecanismos claros de evolução salarial e funcional. Ele argumenta que, com a definição de regras objetivas para a evolução do servidor na sua carreira, será possível um gerenciamento de pessoal mais eficaz. "Assim, poderemos remunerar melhor o funcionário de maior potencial ou capacidade de trabalho", conclui o vice-reitor, lembrando que o Plano de Carreira, embora



Maria Zeza Scavacini e Silveira, da Comissão de Avaliação: instrumento de incentivo ao progresso funcional dos servidores

deve levar a uma melhoria nos ganhos dos servidores, não pode ser confundido com um plano salarial: "O aumento da remuneração será a decorrência de um enquadramento mais adequado do servidor na sua carreira, como reconhecimento pela qualidade do seu trabalho".

Na previsão do professor Arthur, o projeto renderá resultados já a partir do final de 1990, quando deverá entrar em funcionamento.

A ESTRUTURA DO PLANO

A proposta, agora em estudo na Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento, organiza as funções autárquicas existentes na UNESP em três grupos — Básico, Médio e Superior —, formados a partir do grau de complexidade das atividades de cada função, da escolaridade necessária para o seu exercício e do seu respectivo nível de remuneração. Ficam extintas, dessa forma, as três subdivisões hoje existentes: Apoio Administrativo, Apoio Operacional e Apoio ao Ensino e à Pesquisa. Em todas as funções, os servidores seriam constantemente avaliados por seus chefes ao longo de sua carreira (veja quadro ao lado).

Essa nova estrutura funcional procura evitar as falhas que contami-

naram o plano anterior. Uma delas foi o tratamento diferenciado para os três grupos existentes: "Foram criados, por exemplo, critérios que valorizaram em excesso as funções administrativas, em prejuízo das demais", assinala o professor Antonio Carlos Silveira. Outra integrante da Comissão, Maria Zeza Monteiro Marão, diretora acadêmica da FMVZ, recorda que, para as funções administrativas e operacionais, os funcionários

recebiam pontos simplesmente por apresentar o grau de escolaridade exigida para o exercício da própria função, ou então por fazer cursos que pouco tinham a ver com seu trabalho. "O predomínio dessas regras, em detrimento do desempenho, prejudicava os servidores mais dedicados", critica Zeza.

A nova proposta pretende corrigir essas distorções pela aplicação de critérios uniformes para os grupos

Boa execução das atividades vai determinar evolução na carreira

Para cada um dos três grupos previstos no novo Plano de Carreira existe uma escala salarial, formada por um eixo — ou amplitude — vertical e outro, horizontal. A amplitude vertical é dividida em níveis e a horizontal se compõe de graus. O grupo básico possui dezessete níveis, o médio apresenta quatorze e o superior, onze — ao todo, portanto, são 42 níveis. Apesar dessa diferenciação entre os grupos, cada função específica, como a de técnico de laboratório, por exemplo, é constituída de três níveis, possuindo cada nível dez graus, que permitirão ao servidor evoluir ao longo de sua carreira, nessa mesma função. Entre cada nível e grau, existe uma diferença salarial de 5%.

Dentro desse panorama, os mecanismos de evolução salarial e funcional são a promoção, a progressão e o acesso. A promoção representa a passagem de um grau para o imediatamente superior, através da avaliação do desempenho do funcionário. "Para ser promovido, o servidor tem que respeitar o intervalo de tempo estabelecido para cada grau, podendo atingir o grau máximo aos 25 anos de serviço", esclarece Scavacini. O prazo para promoção, que nas primeiras etapas da carreira é de dois anos, sobe progressivamente, chegando a três e depois a quatro anos, em seu final.

Na progressão, o funcionário salta de um nível para o imediatamente superior. Enquan-



Básico, Médio e Superior. “A utilização desses critérios, todavia, não implicará a perda das características próprias de cada função”, garante Antonio Sergio Sacavacini, assessor-técnico do gabinete da Vice-Reitoria, que assessorou os trabalhos da Comissão. Ele menciona, como outra vantagem do Plano, a possibilidade de todos os servidores celetistas optarem pelo regime autárquico. “Uma das conseqüências seria o direito desses servidores receberem aposentadoria integral”, exemplifica. O professor Silveira ressalta que os aposentados também foram integrados ao projeto recém-montado, o que permitiria uma significativa recuperação das perdas que tiveram no passado, por não terem sido enquadrados no Plano de Carreira atual, bem como por não receberem o Regime de Atividade Acrescida (RAA).

APOIO DAS CHEFIAS

A implantação do Plano de Carreira prevê, num primeiro momento, um preparo de terreno, na organização do quadro de funcionários da Universidade. Será deflagrado um ajustamento salarial, simultâneo a uma reavaliação de mérito dos servidores, a partir dos novos critérios. O professor Silveira assegura que, em

toda essa mudança, não está prevista qualquer redução de salário: “Pelo contrário, a nossa meta é corrigir o enquadramento dos Servidores sub-avaliados”, enfatiza. O coordenador da Comissão confirma que será também mantida a denominação das funções em que os funcionários estão enquadrados atualmente. Dessa forma, um auxiliar de serviços enquadrado como escriturário na atual carreira, por exemplo, será mantido como escriturário.

No entanto, o projeto ainda tem uma longa trajetória, antes de ser posto em prática. Nos próximos meses, suas páginas serão o centro de discussões que envolverão o pró-reitor de Administração e Desenvolvimento e o próprio reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim, além de seus assessores. Em seguida, o texto passará pelo exame dos órgãos colegiados da Universidade. “Depois disso, haverá uma ampla divulgação do projeto”, declara o professor Arthur. “Assim, a comunidade universitária terá plena consciência da sua opção pelo Plano de Carreira.”

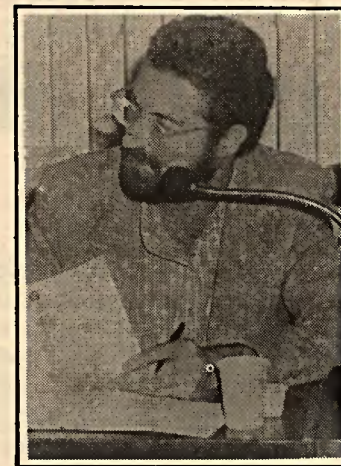
A divulgação do projeto também é considerada essencial pela coordenadora da Coordenadoria de Recursos Humanos (CRH), Maria Aparecida de Lima Claro. Na sua opinião,

com o novo Plano cada funcionário poderá assumir a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento profissional. “Ao mesmo tempo, a Universidade define suas expectativas em relação aos seus servidores, o que facilita uma identidade entre os objetivos individuais e os institucionais”, declara. Como resultado direto dessa identificação, Maria Aparecida acredita que a UNESP poderá manter uma mão-de-obra de alto nível e muito estimulada, evitando a perda de valiosos profissionais.

Para o professor Silveira, a proposta articulada pela Comissão relaciona regras e diretrizes simples e transparentes: “Seus critérios visam ao estímulo e desenvolvimento do servidor ao longo do tempo e, se forem bem aplicados, poderão valorizar seu desempenho”, raciocina. Nesse ponto, as diretorias e chefias da UNESP teriam um papel básico: “Elas precisam estar bem conscientizadas da importância da sua função na avaliação dos funcionários, o que será fundamental para o sucesso do Plano”, afirma Silveira, para quem, com essa nova mentalidade, será mantida e aprimorada a qualidade dos serviços de apoio que a UNESP necessita.

André Louzas

SINTUNESP



Haddad: acesso aos dados

Entidade deseja debater regras da futura avaliação

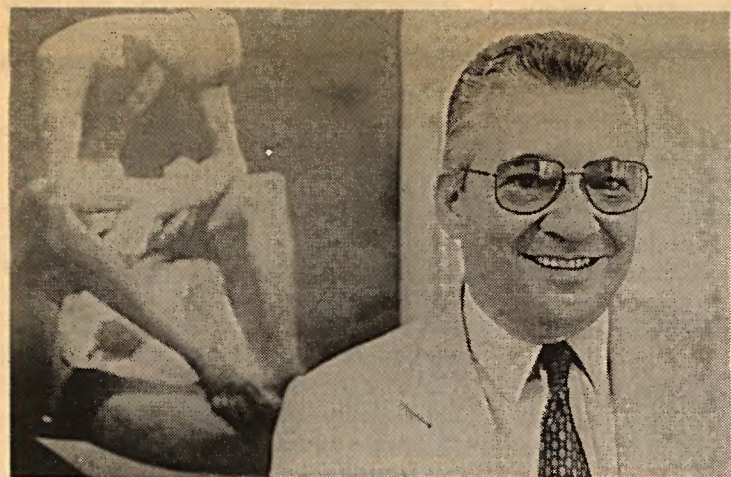
É necessário que uma ampla discussão preceda a implantação do novo Plano de Carreira. Esta é a opinião de Flávio Haddad, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP (Sintunesp), que afirma ainda ter a Vice-Reitoria se comprometido a conversar com sua entidade antes de apresentar o projeto para aprovação dos órgãos colegiados. “Isso nos dará a possibilidade de incluir na atual proposta alguns princípios que deverão nortear a aplicação desse segundo sistema de avaliação”, assinala Haddad, para quem a perspectiva de diálogo deveria também se estender no futuro para as Comissões Locais de Avaliação (CLAs), na exposição de suas regras de funcionamento para os servidores.

A efetiva transparência dos critérios que sustentarão a estrutura do Plano é o primeiro item que o dirigente quer garantir nas suas conversas com a administração da UNESP: “Os funcionários devem ter acesso às informações sobre as normas que vão orientar a avaliação do seu mérito”, analisa. Da mesma forma, Haddad defende uma definição de regras objetivas para a avaliação do desempenho funcional. No seu ponto de vista, precisa ser beneficiado o funcionário que, acima de tudo, executa suas atividades com a eficiência que a Universidade necessita: “Um servidor não pode ser premiado apenas por ser obediente, realizando sua tarefa sem espírito crítico”, sustenta.

A implantação de um Plano de Carreira é vista com bons olhos por Haddad que, no entanto, considera essa medida ainda insuficiente: “O Plano deveria fazer parte de uma política de recursos humanos, que incentivasse a reciclagem, o treinamento e o aperfeiçoamento dos funcionários”, reforça ele, destacando que, hoje, para progredir em sua carreira, “os servidores precisam custear seu próprio estudo”. Embora afirme que não tem conhecimento dos critérios para reequilíbrio na função, o dirigente deseja que os direitos decorrentes dessa alteração sejam retroativos ao mês de abril passado.

O presidente do Sintunesp disse que lamenta o fato de sua entidade ter participado apenas da fase final dos trabalhos da equipe que montou a proposta: “Nosso pedido de participação na Comissão foi feito em janeiro e somente foi aprovado em junho”, declara. Ainda de acordo com Haddad, os sindicatos de trabalhadores das três universidades públicas do Estado estão se reunindo para formular um projeto único de Plano de Carreira. Ele acredita que essa proposta poderá resolver problemas como a variação de salários entre funcionários da UNESP, USP e Unicamp no desempenho das mesmas tarefas e nas mesmas condições de trabalho.

(A.L.)



Professor Arthur: maior eficácia administrativa



Maria Aparecida: divulgação do Plano é essencial

to a promoção depende da avaliação do desempenho, na progressão é analisada a complexidade das atividades dos funcionários, em relação à função que ocupam. A subida para o segundo nível da função respeita um prazo de dois anos e, para o terceiro e último nível, de mais três anos. Voltando ao exemplo do técnico de laboratório: nessa função, pertencente ao grupo Médio e cujo ingresso é fixado no nível 21, o servidor poderá ter uma progressão para o nível 22 se for constatado por sua chefia que as tarefas que executa estão entre as mais complexas atividades estabelecidas para a sua função.

O terceiro mecanismo de evolução salarial, o acesso, prevê a passagem do funcionário de uma função para outra que tenha atividades diferentes — sempre através de concurso público. É o que acontece no caso de um auxiliar de laboratório que passa a ocupar

a função de técnico de laboratório. Scavacini ressalta que, embora esteja previsto na Constituição Federal, o mecanismo do acesso ainda é um tema controvertido, por ser interpretado de modo diferente em vários Estados: “Estamos aguardando a sua regulamentação, por meio de uma jurisprudência que defina esse assunto”, argumenta.

BASE PARA AVALIAÇÃO

A avaliação do funcionário por sua chefia será feita a partir de três fatores básicos: a qualificação (que verifica a formação escolar do servidor), a experiência e o desempenho. A importância relativa de cada um desses fatores, medida através de um certo número de pontos, varia de acordo com o grupo de funções. Porém, o desempenho é sempre o item predominante, como se pode notar pela tabela a seguir:

	Básico	Médio	Superior
Qualificação	10	20	30
Experiência	40	30	20
Desempenho	50	50	50

É bom lembrar que todos os mecanismos mencionados serão aplicados às funções autárquicas de provimento efetivo (preenchidas através de concurso). Existem ainda as funções autárquicas de confiança — que dispensam concurso — cuja escala salarial é composta de 29 referências. Nesse caso, a evolução do salário depende somente da promoção, desenvolvida numa amplitude formada por cinco faixas, sendo que a passagem para a faixa superior obedece a um prazo mínimo de cinco anos. Para uma possível promoção, os funcionários que ocupam funções de confiança também terão seu desempenho avaliado.

ANIMAIS PEÇONHENTOS

Centro investiga novas aplicações para venenos

O projeto, multidisciplinar, já recebe elogios do Exterior

Veneno mata. Mas pode também curar. Sabidamente, é da peçonha das serpentes que se obtém o antídoto para suas próprias picadas. E o avanço das pesquisas na área vem se encarregando de provar que os venenos de serpentes, abelhas, aranhas, vespas e escorpiões possuem substâncias extremamente úteis para a biotecnologia, podendo ser usadas na produção de vacinas antialérgicas, bioinseticidas e medicamentos, entre outros itens. Para estudar o assunto, 26 professores de cinco unidades da UNESP reuniram-se em torno do projeto de criação e instalação do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos da UNESP, sem similar entre as universidades brasileiras.

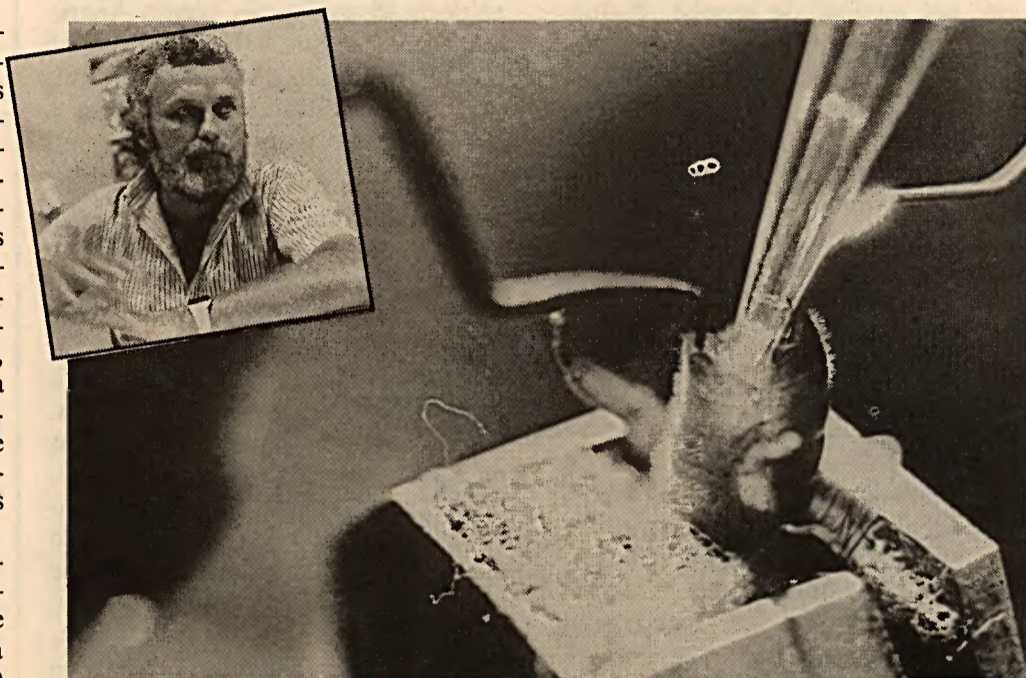
Enquanto aguardam a institucionalização do centro, os docentes da Faculdade de Medicina (FM), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) e Instituto de Biociências (IB) de Botucatu, Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) de Araraquara e Instituto de Biociências (IB) de Rio Claro vêm, desde o final do ano passado, desenvolvendo conjuntamente suas pesquisas e promovendo reuniões científicas periódicas. Para o avanço de seus trabalhos, eles dependem, em primeiro lugar, da obtenção do próprio veneno, de custo extremamente elevado no mercado: 100 miligramas de veneno de abelha, por exemplo, chegam a custar 100 dólares.

Para a produção de veneno de serpentes, o grupo conta com dois serpentes instalados no campus de Botucatu. "Temos cinquenta cascavéis e 25 jararacas, que nos asseguram uma produção mensal em torno de 2 gramas de veneno, suficientes para nossas pesquisas", comenta Benedito Barraviera, docente do Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, Dermatologia e Radiologia da FM-Botucatu e coordenador geral do projeto. Para cada experimento, um pesquisador utiliza entre 10 e 20 miligramas de veneno, cinco vezes menos do que uma serpente inocula em sua vítima a cada picada.

COAGULAÇÃO SANGÜÍNEA

Para a criação de serpentes em cativeiro, é preciso que se conheça bem o comportamento desses répteis. "No caso da cascavel, por exemplo, pouco se sabe sobre sua vida no habitat natural", diz o professor Jorge Jim, do Departamento de Zoologia do IB-Botucatu. "É essencial que se tenham definidos a melhor temperatura, nível de umidade e alimentação ideal, geralmente composta de dois ou três camundongos seguidos de jejum de 21 dias, para que se tenha sucesso com serpentes em cativeiro."

A peçonha das serpentes, segundo Barraviera, tem se mostrado extremamente rica em substâncias úteis à medicina. Com o fracionamento do veneno (separação dos diversos elementos que o



Malaspina (no detalhe): inseminação artificial de abelhas

Fotos Lilo Claretto

compõem), podem-se desenvolver pesquisas bastante específicas. "Por esse processo, podemos separar a fração *like-trombina*, de grande importância biológica, por atuar de forma direta na coagulação sanguínea", recorda a professora Maria José Giannini, do Departamento de Análises Clínicas da FCF.

A *like-trombina* atua sobre as moléculas de fibrinogênio — um componente do sangue —, formando a fibrina, um elemento que tem o poder de estancar hemorragias. O objetivo dos pesquisadores, a partir daí, é produzir a cola de fibrina, um composto para ser usado terapêuticamente em sangramentos de órgãos de difícil acesso cirúrgico, como os pulmões ou o tubo digestivo. "O único similar existente, proveniente de derivados do boi, apresenta o inconveniente de ser neutralizado por uma droga constantemente utilizada em casos de hemorragia, o que não ocorre com a cola de fibrina derivada do veneno de serpentes", enfatiza Barraviera.

Entre os planos dos pesquisadores está também o desenvolvimento de técnicas que beneficiem a medicina veterinária, como a produção de soro antiofídico para uso exclusivo em animais. O processo de feitura do soro consiste, basicamente, em inocular doses não letais do veneno em cavalos para que eles produzam anticorpos que, posteriormente, serão utilizados no tratamento de pessoas picadas. Para se obter um soro antiofídico a preços mais acessíveis, a ponto de permitir sua utilização no tratamento de animais, docentes da FMVZ e IB-Botucatu irão testar bovinos, ovinos e caprinos como eventuais substitutos dos equinos no processo de produção. "Queremos saber qual deles proporciona a melhor ou maior produção de anticorpos", diz o professor Pedro Luiz Bicuado, do Departamento de Clínica Vete-

rinária da FMVZ. A troca traria algumas vantagens. Além de o cavalo ter uma manutenção mais dispendiosa, não permite a comercialização de sua carne, ao contrário das outras espécies, que podem ser criadas visando ao abate.

Embora as pesquisas com escorpiões e aranhas se encontrem em fase inicial, o Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos já realiza alguns trabalhos sobre os efeitos de seus venenos. "Estamos preparando um kit que facilitará muito a identificação dos tipos de venenos. Ele será fundamental em casos de acidentes em que as pessoas não saibam o tipo de animal que as picou", diz Barraviera.

ABELHAS E VESPAS

Contando com 175 colônias de 120 mil abelhas cada uma, o IB-Rio Claro



Barraviera: veneno como coagulante

Silvio Garcia Manoel

consegue quantidades de veneno suficientes para suprir suas pesquisas. Para aprimorar a coleta sem que haja necessidade de sacrificar esses animais, os professores vêm adaptando um aparelho coletor trazido dos Estados Unidos. Como explica o professor Osmar Malaspina, do Departamento de Biologia, o aparelho possui uma grade por onde passa corrente elétrica a cada trinta segundos. "O choque irrita as abelhas, induzindo-as a ferroarem um filme finíssimo, depositando o veneno na parte de baixo da película", ele descreve. "Com esse método, obtêm-se cerca de 3 miligramas de veneno por coleta, sem que as abelhas sejam sacrificadas."

Para o desenvolvimento de linhagens melhoradas, os pesquisadores do IB realizam a inseminação artificial de abelhas, obtendo o seu aprimoramento genético. "Com essa técnica, podemos produzir espécies mais dóceis e produtivas", garante o professor Malaspina, lembrando que, além do veneno, as abelhas fornecem o mel, a própolis, a cera, o pólen e a geléia real.

No caso das vespas, contudo, a obtenção do veneno é bem mais complicada, apesar de não menos importante. Não é possível criar vespas em cativeiro devido à sua natureza extremamente agressiva. Como outro fator agravante, há a necessidade de se sacrificar o animal para a retirada do produto. O veneno das vespas e abelhas também tem sido fracionado na tentativa de se produzirem soros e vacinas. Apesar de ainda não se ter conseguido desenvolver vacinas antialérgicas contra as picadas desses animais, os professores do IB-Rio Claro estão pesquisando um processo de imunização para pessoas alérgicas. "Podem-se injetar nessas pessoas pequenas quantidades de veneno, que vão sendo aumentadas, desenvolvendo nelas a imunidade", diz o professor Mário Sérgio Palma, do Departamento de Biologia.

Apesar de seu pouco tempo de funcionamento, o Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos vem despertando o interesse da comunidade científica internacional. Com seu trabalho de fracionamento de venenos de vespas e abelhas para bioinseticidas, por exemplo, os pesquisadores ingressaram em uma área até então intocada e chamaram a atenção de cientistas do Laboratório de Pesquisas da Shell, em Londres. De acordo com o professor Palma, o laboratório, um dos mais importantes do mundo, deverá enviar em breve um de seus técnicos para estagiar no centro. "A BBC também manifestou interesse em produzir em Rio Claro um programa educativo para a tevê londrina, justamente sobre a biologia dos animais peçonhentos."

Denise Pellegrini



Técnica é adaptada às condições do país

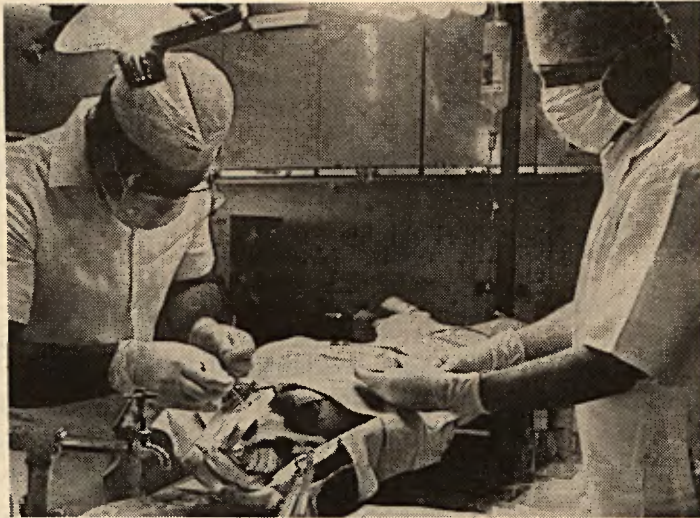
Pesquisa da FO-Araçatuba pode salvar milhares de dentes

Quando a polpa dental, conhecida popularmente como "nervo", sofre uma inflamação, a alternativa indicada é o tratamento de canal. No entanto, essa opção, cara e sofisticada, é acessível apenas a cerca de 5% dos brasileiros. Para as outras pessoas, os serviços odontológicos assistenciais praticamente não oferecem outra saída além da extração do dente. O professor Roberto Holland, do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia (FO) do campus de Araçatuba, acha que existe um terceiro caminho a seguir: a pulpotomia, que poderia preservar milhares de dentes no país inteiro, a um custo bem mais baixo que o do tratamento de canal.

A pulpotomia é uma técnica de tratamento que retira a parte da polpa dental localizada na porção visível do dente. "O restante é preservado, após a aplicação de hidróxido de cálcio, uma substância que estimula a formação de uma camada de dentina", esclarece Holland. A dentina é o material que forma 70% da estrutura dental e, no caso da pulpotomia, serve como um escudo contra novas ameaças externas. Entretanto, essa técnica, desenvolvida nas primeiras décadas do século, teve seu uso bastante reduzido, depois de ser bombardeada por várias críticas. Seus adversários apontavam inconvenientes como a frequente degeneração e morte da polpa, após o tratamento.



Holland (acima): aprimoramento da antiga técnica da pulpotomia, com experiências em cães (ao lado), macacos e pessoas



Fotos Hélcio Toth

INOVAÇÕES NA TÉCNICA

Embora seja uma autoridade na área de tratamento de canais, com vários trabalhos publicados no Brasil e no exterior, Holland dedicou uma boa parte da carreira ao aprimoramento da pulpotomia. Iniciadas no começo dos anos 60, suas pesquisas, utilizando cães, macacos e pessoas, condensaram avanços que poderão permitir uma adaptação da

técnica às necessidades do país. O principal deles foi a aplicação de um corticosteróide, antes de se utilizar o hidróxido de cálcio. "Com essa substância, evita-se a pressão interna da polpa contra as paredes da dentina, o que no processo anterior provocava a morte do tecido", argumenta o professor. Holland também conseguiu inovações no modo de efetuar o diagnóstico e na seleção de casos para o tratamento.

Há aproximadamente dez anos, a população carente da região de Araçatuba conhece os efeitos práticos dessas descobertas, que foram adotadas pelo serviço de extensão da FO. O professor acentua que outras instituições também estão aprovando o seu método de aplicação de pulpotomia, como por exemplo a Marinha e o Exército, no Rio de Janeiro. "Na Marinha, que começou os trabalhos há quatro anos, já foram tratados por volta de 3.200 dentes, com êxito clínico em 89% dos casos", relata. Os bons resultados da técnica, de acordo com Holland, foram também comprovados em Cuba, sendo que dois odontólogos daquele país visitaram a FO em 1989, para conhecer melhor os detalhes do tratamento.

"Considero que a técnica é importante do ponto de vista clínico e social", enfatiza o pesquisador, que hoje se empenha em aprimorar seu método para torná-lo mais adequado ao atendimento de uma grande faixa populacional. Holland integra uma equipe de seis docentes do seu Departamento que mantém várias linhas de pesquisa e que, somente na especialidade da pulpotomia, desenvolveu 34 trabalhos. Entre os projetos em andamento, ele menciona os testes para substituição dos diques de borracha atualmente usados para isolar o dente tratado, por rolos de algodão, um recurso mais barato. (A.L.)

Quando a natureza garante a saúde da boca

A organização social das abelhas representa uma verdadeira façanha. Elas conseguem manter uma densidade habitacional de mais de um inseto por cm³, numa temperatura média de 33°C. Mesmo assim, evitam a perigosa reprodução de fungos, bactérias e leveduras, que normalmente se multiplicam em tais condições. A grande responsável por esse delicado equilíbrio é a própolis, uma cera resinosa utilizada para vedar a colméia contra a entrada de água e impedir a disseminação de microorganismos. Há milhares de anos, essa substância faz parte dos hábitos de vários povos. Os gregos, por exemplo, a empregavam para cicatrizar feridas e os egípcios a incluíram no complexo processo de mumificação dos mortos.

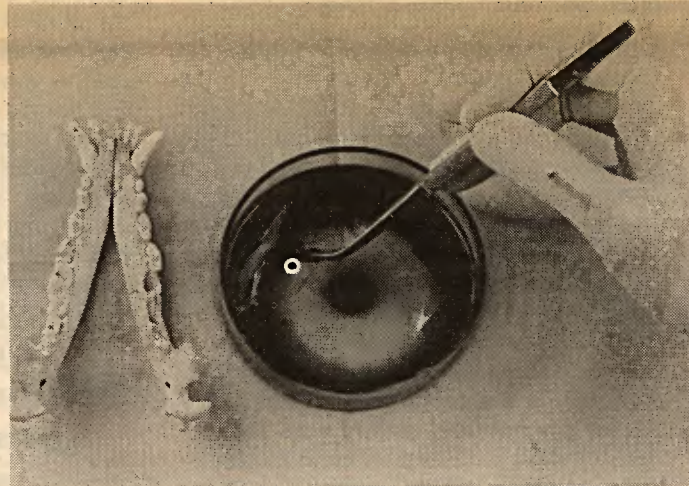
Toda essa tradição medicinal e cultural se prolonga hoje nos laboratórios da Faculdade de Odontologia (FO) do campus de Araçatuba. Desde 1984, o professor Osvaldo Magro Filho, do Departamento de Diagnóstico e Cirurgia, estuda os efeitos orgânicos da própolis. Ele está avaliando o potencial odontológico desse produto — cujo uso tem adeptos em setores que vão da otorrinolaringologia à ortopedia. "Na nossa área, alguns profissionais utilizam a própolis no tratamento de aftas, candidíase, gengivites graves, periodontites e até como dentifrício", recorda o professor, que também alerta para o emprego dessa substância sem a bússola de sólidas informações científicas. Osvaldo assinala que, empregada constantemente, a própolis pode provocar problemas como a excitação excessiva do sistema nervoso central.

CICATRIZAÇÃO RÁPIDA

Atualmente com 24 anos, Osvaldo iniciou seu contato com essa modalidade de terapia natural através de um trabalho de iniciação científica, quando ainda cursava o terceiro ano de graduação. O estudo comprovou a boa aceitação do organismo de alguns ratos a uma pomada feita de própolis, confeite e mel. A partir daí, o pesquisador resolveu analisar cada um desses três produtos separadamente. A própolis foi o primeiro deles e deu a Osvaldo o tema de sua dissertação de mestrado, funda-



Magro Filho (acima): pesquisas em torno das várias aplicações da própolis, cera resinosa de abelhas



mentada em dois experimentos. No primeiro, essa substância ajudou a cicatrizar mais rápido as feridas existentes na pele de ratos. Porém, no segundo, ela atrapalhou a cicatrização dos alvéolos dos dentes arrancados desses animais.

Nas experiências da dissertação, era empregada uma solução composta também de álcool e água. Com o álcool se extrai o princípio ativo da própolis e a água reduz o efeito irritante do álcool no organismo. A mesma solução está ir-

rigando os experimentos da tese de doutorado que Osvaldo está preparando, animado com a influência do produto na cicatrização cutânea. Desenvolvido nas instalações do Centro de Pesquisa em Cirurgia Experimental (ver quadro ao lado), o projeto investiga os efeitos da substância na cicatrização de feridas na boca de algumas pessoas. "Após se submeterem a uma cirurgia bucal, os pacientes fazem bochechos com solução de própolis, em vez de usarem produtos caros e importados", expõe.

O interesse do professor se concentra em três focos: o clínico (para verificar possíveis inflamações), o microbiológico (com a análise dos microorganismos presentes na boca) e o citológico (destinado a estudar a mucosa bucal). Osvaldo já recolheu dados de quinze dos trinta pacientes que pretende investigar. "A pesquisa clínica é muito difícil, porque a pessoa precisa ter boa saúde e a ferida deve ser padronizada", detalha. Apesar das dificuldades, ele está satisfeito, garantindo que em nenhum outro local do Brasil há, nesse setor, uma linha de pesquisa tão sistemática como a desenvolvida em Araçatuba. (A.L.)

Centro apóia desenvolvimento de pesquisas

Embora tenha sido batizado há pouco, o Centro de Pesquisa em Cirurgia Experimental da Faculdade de Odontologia (FO) do campus de Araçatuba já funciona há cerca de 25 anos. Ligado ao Departamento de Diagnóstico e Cirurgia, o Centro garante apoio não só ao curso de graduação, mas também ao mestrado e doutorado que a FO mantém na área de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial. "Nossas instalações oferecem uma estrutura básica para trabalhos na área clínica", declara o professor Tetuo Okamoto, responsável pelo Centro.

Hoje, estão em andamento nas suas instalações 28 trabalhos, sendo 14 de pós-graduação, a maioria deles no campo de reimplantes e transplantes dentais e no de



Okamoto: apoio à pesquisa

reparação óssea. Seu ponto forte são pesquisas experimentais, feitas, por exemplo, com anestésicos e fios de sutura (usados em operações). Para que essa atividade se mantenha, a infra-estrutura

do Centro conta com uma sala de microscopia, um biotério para pequenos animais e um laboratório de histologia, além de laboratório fotográfico e sala de conferências.

As experiências realizadas no local já deram resultados como o livro *Cirurgia Bucal*, que Tetuo escreveu em parceria com o professor Antônio César Perri de Carvalho, pró-reitor de Graduação da UNESP. "Essa obra fornece fundamentos experimentais para a atividade do profissional clínico", resume Tetuo, lembrando que, entre os assuntos do livro, está a indicação de materiais para tratamentos dentários e cuidados que o profissional deve tomar em casos de pacientes com problemas de saúde.

WARWICK ESTEVAM KERR

Uma vida a serviço da ciência

Aos 68 anos, idade em que a maioria das pessoas começa a pensar em parar, o engenheiro agrônomo e geneticista Warwick Estevam Kerr retoma sua carreira praticamente do zero, iniciando uma nova linha de pesquisa com hortaliças. Responsável pela introdução das abelhas africanas no Brasil e dono de um currículo invejável, Kerr foi diretor científico da Fapesp, diretor do INPA, assessor do CNPq e presidente da Sociedade Brasileira de Genética e da SBPC, entre outros inúmeros cargos. Em 1981, criou, na Universidade Federal do Maranhão, onde permaneceu até 1988, o curso de Biologia. Há pouco, o pesquisador recebeu, em sua modesta sala na Universidade Federal de Uberlândia, onde é chefe do Departamento de Biociências, a notícia de que havia sido agraciado com o título de membro da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos — honraria pela primeira vez concedida a um brasileiro.

Entrevista a *Mari Toledo e Zico Pacheco*

Jornal da UNESP — Há pouco tempo, o senhor foi convidado para dirigir uma das áreas do CNPq. No entanto, essa proposta não foi aceita. Por quê?

Warwick Estevam Kerr — O principal motivo é que, nos últimos anos, tenho achado que, neste Brasil, tem muito cacique e pouco índio. E isso também vale para a ciência. Em outros países, o profissional aumenta seu salário ou adquire mais poder quando publica melhores trabalhos ou tem idéias mais revolucionárias. Aqui, ele tem que se tornar chefe de Departamento, pró-reitor ou embaixador na ONU. Para mim, o pesquisador tem que ficar o mais longe possível da administração, porque ela foi feita para ajudá-lo, mas às vezes acaba atrapalhando. Atualmente, os meus alunos estão me gozando, porque fui eleito membro da National Academy of Sciences, nos Estados Unidos, e até agora não tive nenhum projeto de pesquisa aprovado na Universidade de Uberlândia. Não resta dúvida que o processo de aprovação está errado. Outra razão para minha recusa é que estou com 68 anos, posso ter mais dez ou doze anos de vida pela frente. Então, quero aproveitar bastante esse tempo e posso render mais fazendo ciência. Acho que Deus me pôs no mundo para ensinar o povo brasileiro e não é na administração de algum órgão que eu vou fazer isso.

JU — Então, sua decisão não teve nada a ver com o fato de o senhor ser ligado ao Partido dos Trabalhadores?

Kerr — Tem um pouco a ver, sim. Afinal, esse é o partido que mais faz oposição ao presidente Collor. Mesmo que eu não esteja 100% de acordo com o PT — aliás, nunca estou 100% de acordo com ninguém, apenas com Jesus Cristo. Virar prefeito petista é a pior viagem que existe,

porque de repente começam a aparecer os petistas que estão contra os prefeitos e começam a atrapalhar sua administração, como a gente viu no caso da Erundina. Os petistas deveriam ajudá-los e não atrapalhá-los, como têm feito. Acho que o Lula faria um plano econômico muito parecido com o de Collor, só que iria tirar mais dinheiro de quem realmente tem. Agora, a grande decepção que o Collor me deu foi no momento em que a ministra Zélia se recusou a dizer quem retirou o dinheiro retido com a implantação do atual plano. Ai, para mim, ele perdeu totalmente a credibilidade. O presidente disse também que iria intervir na universidade e cortar pessoal. Isso mostra uma falta de sensibilidade para os problemas educacionais. Afinal, não faz sentido demitir professores num país que precisa contratá-los.

JU — O senhor faz questão de sempre trabalhar em equipe. Qual é a sua recomendação para os cientistas, hoje, quando se promove tanto a individualidade?

Kerr — A questão é filosófica e aí está entra um pouco de religião. Nós não somos ilhas, temos que trabalhar para os outros. Especialmente o professor, que deve ensinar seus alunos. Então, ele está trabalhando, preparando suas aulas, bolando coisas para os outros, os seus alunos. Em consequência, um dos princípios para mim mais importantes é o docente fazer pesquisa junto com o estudante, para ensiná-lo a ter criatividade. Eu tive uma sorte muito grande. Quando estava no terceiro ano primário, meu pai me retirou da escola onde eu estudava, para me colocar numa outra que ele montou no bairro de Rasgão, um distrito de Pirapora do Bom Jesus, em São Paulo. Como professor, ele escolheu um ex-padre, que come-

çou a ensinar Biologia, Português, Francês e até Tupi-Guarani. Suas aulas eram sempre divertidas e, quando ele dava ciências, levava a gente para a beirada da floresta e mostrava as folhas dos vegetais que havia por ali. Depois, mostrava as do livro e dizia: "Gente, aqui não estão descritos todos os tipos de folhas!" Naquele momento, ele me pôs na cabeça que a ciência era uma coisa que se conquistava paulatinamente. Então, com dez anos de idade, resolvi ser um cientista.

“Neste país, temos muito cacique pra pouco índio. E isso vale também para a ciência”

JU — Com isso, o senhor não está dizendo também que, num curso de graduação, por exemplo, o professor não deve se prender muito a um programa?

Kerr — Sem dúvida. As segundas-feiras de manhã, dou três horas de aula seguidas e, pelo menos meia hora, discuto o que sai em jornais ou revistas científicas sobre a área de genética. Falo também de pesquisas que estou fazendo e analiso os seus resultados. Da mesma forma, estímulo os estudantes a terem suas próprias idéias, para que eles venham discuti-las comigo. Normalmente, 1/4 de todas as turmas que tenho vem falar comigo sobre questões que os próprios alunos bolam. Na maioria das vezes, quase tudo o que eles pensam ter criado já havia sido descoberto na nosa ou em outra área. Eu lhes mostro isso e debato os assuntos. Acho que esse proces-

so é uma boa maneira de o professor encaminhar o aluno no seu campo.

JU — Hoje é mais difícil o surgimento de cientistas?

Kerr — Penso que é mais fácil, porque as fontes de informação são muito variadas. Agora, a situação varia com o país. O Brasil, por exemplo, está num processo de emburrecimento muito grande. Nós temos redes de televisão em que a importância dada à ciência é muito pequena, e a principal culpada pelo problema é a rede Globo. Eu assisto os programas de ciência da Globo, que são muito bons, e, no *Fantástico*, às vezes, aparece alguma coisa de qualidade. Além desses programas, sobra apenas futebol e outros assuntos, que não vão promover o desenvolvimento do nosso país.

JU — Como a ciência brasileira sentiu os 21 anos de regime militar?

Kerr — Houve um grupo de estudiosos americanos que veio ao Brasil disposto a arrasar com a política educacional e científica do regime de 64 e chegou à conclusão de que o governo Geisel foi o período em que a ciência no Brasil foi mais beneficiada. O segundo, terceiro e quarto anos do Geisel foram os anos de pique da ciência brasileira, devido ao apoio dado a órgãos como CNPq, Finep e Capes. Naquele governo também aconteceu a federalização de várias universidades, para que houvesse uma em cada Estado, o que foi uma medida muito boa. Agora, houve pessoas, como o ex-ministro Jarbas Passarinho, que tiveram um papel bastante negativo na educação brasileira. Ele deu ênfase à privatização do ensino, algo que não dá certo em canto nenhum. Muita gente diz que nos Estados Unidos isso funciona. Elas deveriam ir lá ver. Nas melhores universidades norte-americanas,

como as da Califórnia, de Illinois e de Wisconsin, tudo é gratuito, inclusive a alimentação e a estada. Há pouco tempo, fui visitar, nos Estados Unidos, um amigo

“A UNESP é, para mim, a maior e, talvez, melhor experiência educacional que se faz hoje no Brasil”

professor que atualmente é o presidente da Associação Mundial de Nutrição. Como sou fanático por ensino público, perguntei quanto ele estaria pagando para manter suas filhas no ginásio. Ele disse que não pagava nada e, o que é mais importante, suas meninas recebiam gratuitamente os livros e o material necessários ao curso. Agora, os idiotas brasileiros querem estabelecer o ensino pago. Na verdade, é preciso fazer um ensino em que os professores ganhem bem. O salário mínimo para um professor de primário nos Estados Unidos é de US\$ 1.400, quando eu ganho por volta de US\$ 1.350...

JU — O Brasil estaria, então, seguindo um caminho equivocado na educação?

Kerr — Está, sem dúvida nenhuma. E ainda há outra coisa: não acredito em qualidade de vida bem distribuída entre todos os Estados se a ciência e a educação não forem também bem desenvolvidas e distribuídas por todos eles. Hoje, existe uma concentração de ciência e tecnologia em São Paulo, que faz com que o Estado produza 52% da renda total da União. São Paulo gasta mais na educação do seu povo do que todos os outros Estados, municípios e o governo federal juntos. Isso pa-

ra mim é uma tristeza, porque todas as unidades da Federação deveriam estar fazendo a mesma coisa. Em São Paulo funcionam, na minha opinião, as três melhores universidades brasileiras, a USP, a UNESP e a Unicamp. A UNESP, para mim, é a maior experiência educacional que se faz no Brasil neste momento. Possivelmente, a única boa experiência educacional, por sua proposta de distribuir a ciência no Estado inteiro. Para ficar melhor ainda, a UNESP deveria construir, em cada município onde tenha um campus, Casas do Estudante, para atrair alunos de outros lugares, que assim teriam poucos gastos para estudar naquela cidade.

JU — O senhor afirma que seu trabalho é sempre dedicado a ajudar os outros. Esse altruísmo não se parece com o comportamento das abelhas que o senhor pesquisa?

Kerr — Realmente, existe uma semelhança. Um pesquisador chamado William Hamilton fez, na minha opinião, a maior descoberta no campo da evolução desde Charles Darwin. Ele mostrou que a origem da sociabilidade é genética. Em geral, as fêmeas se acasalam com um só macho e, assim, cada um deles passa para os filhos 50% dos seus gens. Mas entre as abelhas os machos são haplóides, ou seja, têm um único conjunto de cromossomos, que vêm da sua mãe. Dessa forma, eles passam para a descendência o mesmo conjunto de gens. Em consequência, cada abelha tem 75% de gens em comum com as outras. Isso faz com que abelhas, vespas e formigas apresentem uma sociabilidade e, portanto, um nível de altruísmo maior do que qualquer outro animal, porque essa ordem de insetos chamada hemiptera possui essa característica genética.



Milton Francisco dos Santos

JU — O governo brasileiro pediu que o senhor trouxesse abelhas africanas para o país, para pesquisar sua possível adaptação. Quando algumas dessas abelhas fugiram, o senhor foi responsabilizado por algum tipo de acidente?

Kerr — Responsabilizado, nunca fui. Eu trouxe para o Brasil, a pedido do Ministério da Agricultura, cerca de setenta rainhas de abelhas da África. Dessas, cerca de trinta ficaram vivas e 25 escaparam num acidente que não cometi. Uma pessoa retirou, sem querer, as telas que impediam os zangões e rainhas de fugirem. No entanto, no ano passado, houve o Congresso Internacional de Apicultura, no Rio de Janeiro, do qual eu fui eleito presidente de honra. Isso aconteceu por sugestão dos apicultores brasileiros, exatamente por eu ter trazido a abelha africana. Eles acham que essa abelha fez a nossa apicultura dar a volta por cima. Antes, nós éramos o décimo-sétimo ou vigésimo produtor mundial de mel e, hoje, somos o sétimo produtor.

JU — As abelhas brasileiras estão em fase de extinção?

Kerr — As abelhas brasileiras vivem dentro de troncos de árvores. Por causa disso, nós estamos perdendo espécies em todo o país, gradativamente, com a destruição das nossas florestas. No Brasil, temos cerca de 300 espécies de abelhas, sendo que nenhuma delas tem ferrão. Na minha opinião, a abelha mais evoluída do mundo está no Amazonas e se chama *Melipona cemenigra*. A segunda mais evoluída talvez esteja no Nordeste, a *Melipona scutellaris*. Há outra, menos evoluída mas muito boa para a apicultura, conhecida como "tiúba" e que vive no Maranhão. Foi com essa abelha que fiz minha tese para professor-titular em Biologia na Universidade Federal do Maranhão, com um trabalho que me tomou sete anos. Acho que todo apicultor deve manter também colméias de abelhas brasileiras, o que seria uma grande contribuição para se evitar a destruição de todas essas espécies.

JU — Hoje existem muitas discussões sobre a relação entre genética e ética. Como o senhor vê essa questão?

Kerr — Esse debate está muito forte na área de Engenharia Genética, que envolve a passagem de gens de um organismo para outro, inclusive de uma espécie para outra. No caso do homem, a ética é tocada em vários pontos. Basta pensar na questão da inseminação artificial. Nós temos a possibilidade de retirar o espermatozóide do sêmen do homem, injetar esse espermatozóide no óvulo de uma mulher e fazer uma outra pessoa semelhante a nós.

Um dos problemas que ocorrem é que o filho pode ter um QI superior ao dos pais, o que causa problemas dentro da família. Já foi constatado que, nos casamentos em que houve inseminação artificial, acontece um número de divórcios três ou quatro vezes superior ao dos casamentos comuns. Um outro aspecto que eu acho anti-ético é o processo de retirar um núcleo meu, passar para um óvulo e criar um outro gênio a partir de mim, com setenta anos de diferença. Pô, eu já vivi a minha vida! Isso hoje é feito com ratos e outros animais, mas pode ser realizado com homens. Porém, há outros aspectos a serem pensados. Acho que é altamente ético curar pessoas que tenham defeitos nos seus gens. Por exemplo, se alguém tiver um gen que vai causar loucura aos trinta, 35 anos, penso que é obrigação minha colocar gens normais nessa pessoa, desde que isso seja possível.

“O pecado original se choca com a teoria da evolução. Então, não posso aceitar a existência de Adão e Eva”

JU — Qual a mensagem que o senhor daria para o jovem cientista ou para os cientistas de forma geral?

Kerr — Bom, não diria que dou uma mensagem, mas gostaria de ver os nossos cientistas reservando parte do seu tempo para pesquisas que pudessem melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro. Por que lido também com hortaliças? Nessa área, já deixei montado um grupo em Manaus, outro em São Luís e estamos fazendo um grupo em Uberlândia, porque é a maneira mais fácil de a gente melhorar a alimentação da população pobre. Trabalho com abelhas para fazer aquilo que chamaria de "ciência pura". É claro que, dentro da ciência pura, estou realizando também a parte de conservação da natureza, que também é muito importante. Acho que a universidade não pode acabar com o que a gente chama de "torres de marfim": cientistas que produzem isoladamente, sem se preocupar com os efeitos sociais diretos que sua pesquisa teria. Mas não pode haver apenas torres de marfim. A grande maioria dos professores deve estar olhando os problemas da sociedade e tentando resolvê-los. Por isso, acho que nós devíamos ter menos greves dentro das universidades, porque, aqui, em vez de prejudicar o patrão, eu prejudico as pessoas que são a finalidade da minha vida, os alunos. Então, penso que a gente tem que buscar caminhos alternativos. Por exemplo, todos os professores podem escrever um artigo de protesto contra os baixos salários e publicá-lo nos jornais do Brasil. Nós estaríamos então criando uma mentalidade na população, usando os meios de comunicação que estão ao nosso alcance.

JU — Nas suas observações, o senhor se mostra um homem religioso. De que forma o senhor concilia ciência e religião?

Kerr — Sou bastante liberal em doutrina e procuro harmonizar a religião com a minha ciência. Por exemplo, o pecado original da Bíblia "engripa" com a teoria da evolução. Eu não aceito a existência de Adão e Eva. Fomos evoluindo de comunidades que vieram de populações de macacos. Havia uma população que foi-se diferenciando e virou o "homo africanus", o "homo habilis", até chegar ao "sapiens-sapiens". Apesar de muita burrada, ainda somos chamados de "sapiens", não é? Se Deus é um Deus lógico, no momento em que criou o mundo já bolou todo um sistema, o DNA, que é a molécula responsável pela vida. A vida é um estágio da organização molecular: DNA, RNA, proteínas, peptídeos etc. Mas, então, se tirou Deus da parada? De jeito nenhum. Foi Ele que justamente inventou essa coisa toda.

RESENHA

Vida inteligente na Idade Média

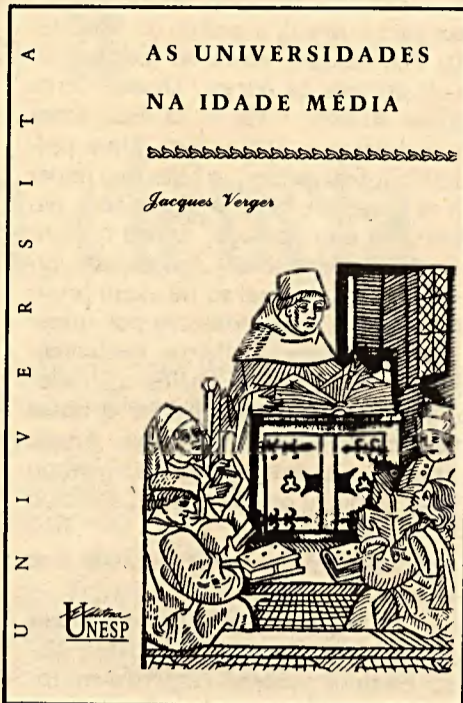
A época medieval, além da ignorância e das trevas

Um preconceito de mais de quatro séculos alimenta a imagem de uma Idade Média totalmente ignorante. Deslumbrados com a "redescoberta" da cultura grega, de que se consideravam herdeiros diretos, alguns humanistas do Renascimento viram naquele longo período apenas um hiato. Mais tarde, o pensamento iluminista reforçaria essa caricatura, creditando à Igreja a responsabilidade pelas "trevas" medievais, cujos remanescentes as "luzes" da razão deveriam varrer para sempre. A recente pesquisa histórica vem refutando essa concepção: havia sim vida inteligente naquela época! É o que mostra o livro *As universidades na Idade Média*, de Jacques Verger, recém-publicado pela Editora Unesp (tradução de Fúlvio Moretto; 170 págs., Cr\$ 980,00). Embora sem o brilhantismo de um clássico como *O declínio da Idade Média*, de Huizinga, ele nos ajuda a redescobrir a época medieval — através da Universidade, uma instituição inexistente na Antiguidade clássica.

De quebra, Verger desmente também a idéia igualmente equivocada de que toda a cultura medieval é mera adaptação da filosofia de Aristóteles ao dogma cristão. Não é certamente o primeiro a fazer isso, porém mostra de modo documentado a oposição cerrada que o aristotelismo sofreu, no seio da Igreja, antes de se tornar o pensamento hegemônico.

Na verdade, a filosofia da Alta Idade Média (que se estende até o início do século XII), dominada pela poderosa figura de Santo Agostinho, é toda de inspiração platônica (um platonismo fragmentário, diga-se de passagem, pois a maior parte das obras de Platão só foi redescoberta posteriormente). Curioso é que o Renascimento trouxe o platonismo de volta — em especial no sofisticado ambiente da Academia florentina, patrocinada pelos Medici. Mas, nesse caso, a filosofia de Platão — fundida com o neoplatonismo, o neopitagorismo e a tradição hermética — passou a ser um instrumento de libertação dos espíritos da camisa-de-força a que a Escolástica medieval havia reduzido Aristóteles. Esse assunto, porém, extrapola a periodização do livro de Verger. Ele nos adverte, na Introdução, que não pretende tratar da passagem da Idade Média para o Renascimento. Justifica-se: o tema é de uma tal vastidão que mereceria sozinho um outro livro (ou vários).

O que o autor realmente fica devendo (e aqui não há desculpas) é uma abordagem mais abrangente da influência da



cultura islâmica — ou melhor, sufi — sobre o pensamento da Idade Média cristã. Ele menciona, é claro, a importância dos sábios do Islã como tradutores e comentaristas dos textos gregos. Em particular, reconhece a enorme importância de Averróis (Ibn Ruschd) como via de acesso ao aristotelismo. Mas isso é pouco. A influência sufi é polimórfica: não se reduz ao racionalismo averroista, nem à ciência platonizante de Avicena (Ibn Sina). Ela vem também da mística de um Ghazali, que Averróis pretendeu refutar, sem conseguir; da poesia esotérica de um Rumi, que apresentou uma concepção completa da evolução mais de 600 anos antes de Darwin; ou do saber enciclopédico de um Ibn el Arabi — para não citarmos uma longuíssima lista de matemáticos, astrônomos, médicos, historiadores, geógrafos e artistas.

Roger Bacon — o frade franciscano que é considerado ponto de partida da ciência moderna e reivindicado pelos alquimistas como um dos grandes em sua linhagem — reconhece sua dívida para com os sábios sufis. Ele passou por iniciação secreta na Espanha islâmica. Verger afirma que, em seus escritos sobre a luz, "não estava ausente... uma certa preocupação metafísica". Não admira: ele não estava falando apenas da luz visível!

José Tadeu Arantes

MÚSICA

Ritmo e som, em dois eventos

O Instituto de Artes (IA) de São Paulo promoverá, através de seu Departamento de Música, dois eventos já tradicionais no campus. De 20 a 22 de agosto, acontecerá o "VI Concurso Nacional de Ritmo e Som" e, de 24 a 28 de setembro, será a vez da "V Semana Ritmo e Som".

Do concurso, poderão participar, dentro das modalidades Composição, Arranjo e Interpretação, músicos de até 35 anos de idade. Os vencedores, julgados por uma banca formada por docentes da UNESP e USP, rece-

berão prêmios em dinheiro e a oportunidade de apresentação em um recital. A Semana, contando com a presença de expoentes da música, artes cênicas e pintura, reunirá instituições de várias partes do País. O programa terá início sempre às 9 horas e término entre 18 e 20 horas. Mais informações poderão ser obtidas com a organizadora dos eventos, professora Maria de Lourdes Sekeff, no próprio IA (Rua Dom Luiz Lazagna, 400, Ipiranga, São Paulo), ou pelo telefone 274-4733.

ESTANTE

Lançamentos no exterior

Botânica, toxicologia e geografia são os temas dos mais recentes textos publicados por docentes da UNESP no exterior.

• Chefe do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) do campus de São José do Rio Preto, Orlando Necchi Júnior lançou, pela editora J. Cramer, de Berlim, o livro *Revision of the Genus Batrachospermum Roth (Rhodophyta, Batrachospermales) in Brazil*. Trata-se de uma revisão taxonômica de um gênero de algas vermelhas de água doce no Brasil, enfocando também sua distribuição. O trabalho envolveu o estudo de 27 espécies, incluindo duas novas espécies para a ciência e três novos registros para o Brasil.

• Também do IBILCE, do mesmo Departamento de Botânica, Nívea Conforte Frões acaba de publicar, na revista "International Journal of Cytology", de Tokyo, o artigo *Avaliação de efeitos cicloativo e clastogênico do corante de beterraba em células de medula óssea*. A pesquisa, tema da tese de doutorado da professora, acabou por apurar que um determinado corante, desenvolvido pela Embra em substituição a outros potencialmen-

te cancerígenos, era seguro para o consumo humano.

• Editado simultaneamente no México, pela Organização Mundial de Saúde, e no Brasil, pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, *Noções Gerais de Toxicologia Ocupacional* (Nociones Generales de Toxicologia Ocupacional) traz a assinatura, como co-autor, do professor Paulo Eduardo de Toledo Salgado, do Departamento de Princípios Ativos Naturais e Toxicologia da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) de Araraquara. O volume trata, com profundidade, de aspectos relacionados à coordenação e dinamização dos Centros de Assistência Toxicológica (Ceatox) no Estado e à avaliação e controle das ações relacionadas à saúde do trabalhador.

• Finalmente, apresentando um panorama atual da geografia industrial em todo o mundo, acaba de ser lançado, pela Editora Lotus Publications Varanasi, da Índia, o livro *New Dimensions in Industrial Geography*, com a participação de 15 geógrafos. O capítulo referente ao Brasil é de autoria da professora Sílvia Selingardi Sampaio, do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do campus de Rio Claro, e analisa a evolução recente do sistema industrial brasileiro através, principalmente, do papel do Estado como orientador da política industrial e da internacionalização da nossa indústria.

Lançamentos nacionais

Revista de Letras, V.29, de vários autores. Editora UNESP. 180 páginas.

A propósito do sesquicentenário de seu nascimento, Machado de Assis foi o autor escolhido para iniciar a nova fase da *Revista de Letras* que, a partir desse número, passa a eleger, a cada edição, um tema central. O autor de "Helena" é abordado aqui em oito artigos que se debruçam sobre seus livros mais conhecidos ou sobre aspectos mais relevantes de sua monumental obra. Assim, por exemplo, Aguinaldo Gonçalves detém-se em "Dom Casmurro: Mimeses das Categorias Narrativas"; Ismael Angelo Cintra, em "O Prefácio Ficcional de *Esau e Jacó*"; Regina Zilberman assina o artigo "Um Caso para o Leitor Pensar"; e Tiekio Yamaguchi Miyazaki, "Lapso: Relapso ou Calote?". "Machado de Assis e os Alexandrinos 'Errados'" é o tema eleito por Rogério Chociay e "Em Busca da Verdade Estética" o assunto de que se ocupa Brigitte Hervot.

Alfa - Revista de Linguística, V.33, de vários autores. Editora UNESP. 180 páginas.

Autores como Saussure e Graciliano Ramos e temas como as composições infantis, os problemas gramaticais e os dicionários bilingües são abordados em profundidade nesta edição da revista *Alfa*, dedicada à Linguística. Entre os artigos, figuram "Coesão e Coerência Textual em Composições Infantis", de C. Ghiraldello; "Fórmulas Metalingüísticas da Fábula Esópica", de Maria Celeste Dezotti; "O Valor das Frases Ativas na Obra de Graciliano Ramos", de Sebastião Ignácio; "Lingua Natural: Enfoque Sociolinguístico", de Devino Zambonim e "É o Português uma Língua em 'A'?", de Rogério Chociay.



Revista de Ciências Farmacêuticas, V.11, de vários autores. Editora UNESP. 252 páginas.

Empenhada em divulgar textos e casos clínicos realizados em sua área, a *Revista de Ciências Farmacêuticas* está circulando com uma alentada edição contendo 19 artigos. Os textos se ocupam em examinar detidamente, entre outros, aspectos referentes à doença de Chagas, sífilis em gestantes, prevalência de anemias, diabetes, hábitos sanitários e o óleo do boldo do Chile.

Revista de Ciências Biomédicas, V.10, de vários autores. Editora UNESP. 101 páginas.

Este volume reúne, em nove artigos, resultados de pesquisas na área das Ciências Biomédicas. Entre os textos publicados, estão: "Vasectomia no Cão - Alterações Macro e Microscópicas do Epidídimo", de Sony Dimas Bicuado e Antonio Matera; "Glândula Submandibular do Camundongo: Revisão dos Dados Morfológicos", de Rumio Taga e Luiz Carlos Pardini; e "Aspectos Morfológicos do Sêmen de Bovinos Nelore em Diferentes Idades", de Eunice Oba, Alcides de Amorim Ramos e Ronaldo Define.

A herança vigorosa da Escola de Frankfurt

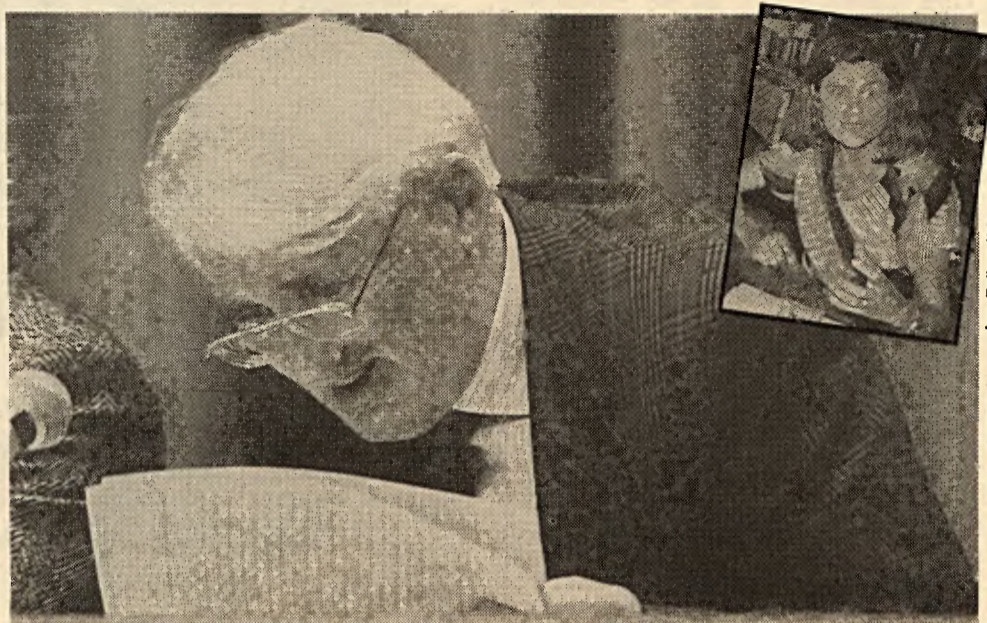
Curso e ciclo de conferências resgatam legado filosófico

Reunidos em plena Alemanha pré-nazista em torno de reflexões mais ou menos concordantes, intelectuais do porte de um Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Max Horkheimer — a chamada “Escola de Frankfurt” — formularam um vigoroso conjunto de idéias que se tornou conhecido como “Teoria Crítica”. Formar grupos de estudo e núcleos de pesquisa interdisciplinar para resgatar e redimensionar a herança filosófica desses pensadores é o objetivo primordial de dois eventos promovidos pela Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara: um ciclo de conferências sobre a Escola de Frankfurt e o curso “Consciência Moral e a Ética Discursiva”.

O ciclo será realizado entre os dias 27 e 31 de agosto, no próprio campus de Araraquara, e reunirá professores das três universidades estaduais paulistas — UNESP, USP e Unicamp —, da PUC de São Paulo e Rio de Janeiro e da Universidade Federal de São Carlos. O curso, programado para os dias 28 e 29 de agosto e 1.º de setembro, será ministrado por Bárbara Freitag também no campus da FCL.

O CICLO

De acordo com Mônica Amaral, professora de Psicologia Social do Departamento de Psicologia da Educação da FCL e uma das coordenadoras do evento, a intenção do ciclo de conferências sobre a Escola de Frankfurt é promover reflexões que apontem para a elucidação das principais mudanças teóricas e metodológicas no campo da Teoria Crítica, desde a fundação do Instituto de Pesquisa Social (veja quadro abaixo), em 1923. “Pre-tendemos percorrer desde as contribuições de Horkheimer, Adorno, Marcuse e Benjamin até as críticas e reformulações elaboradas por Habermas a partir da década de 70”, resume Mônica. “O programa do ciclo envolve debates capazes de apreender histórica e filosoficamente o pensamento de autores não só



Habermas, abordado por Bárbara Freitag (no detalhe): “Consciência Moral”

vinculados à Escola, mas também de outros, cuja convergência de preocupações possa enriquecer a produção e a reflexão em torno desses temas.”

O ciclo será aberto às 14 horas do dia 27, com a “Conferência Introdutória à Teoria Crítica”, por José Carlos Bruni. Às 20 horas, acontece a palestra “O Retorno a Hegel e a Escola de Frankfurt”, por Celso Guimarães. Dia 28, às 14 horas, “O Conceito de Modernidade em Habermas”, por Marcos Muller, e às 20 horas a mesa-redonda “Teoria Crítica e Psicanálise”, com a participação de Bento Prado Jr., Osmyr Faria Gabbi Jr. e Olgária Chain Féres Matos. Dia 29, às 9 horas: “Lorenzer: uma concepção materialista da subjetividade”, por Osmyr Gabbi Jr.; às 14 horas, “Marcuse: crítica do revisionismo néo-freudiano”, por Bento Prado Jr.; e às 20

horas, “A Psicologia Social de Adorno e a questão da ideologia nos estudos sobre o autoritarismo”, por Iray Carone. Dia 30: 9 horas, “Dialética e Mimeses: o confronto entre Benjamin e Adorno”, por Jeanne Marie Gaghebin; às 14 horas, “Nietzsche e a modernidade em Habermas”, por Oswaldo Giacóia; e às 20 horas, “A Psicologia Genética de J. Piaget e a Teoria Crítica da Sociedade”, por Bárbara Freitag. Dia 31: às 9 horas,

“O Conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a Educação”, por Maria Helena Patto; e, finalmente, às 14 horas, “Espaço Público e Subjetividade: contraponto de Hannah Arendt”, por Eduardo Jardim.

O CURSO

Professora livre-docente de Sociologia da Universidade de Berlim, especializada em Teoria da Sociologia, Psicologia Social, Epistemologia Genética, Política Educacional e Indústria Cultural, entre outras áreas, Bárbara Freitag virá de Copenhague, Dinamarca, onde reside, especialmente para o evento. Nos dias 28 e 29 de agosto e 1.º de setembro, sempre entre as 9 e as 12 horas, ela discorrerá sobre o tema “Consciência Moral e a Ética Discursiva”.

Autora, entre outros livros, de “Escola, Estado e Sociedade”, “Jürgen Habermas”, “Sociedade e Consciência: Um Estudo Piagetiano na Escola e na Favela” e “Política Educacional e Indústria Cultural”, Bárbara Freitag é, ao lado de Sérgio Paulo Rouanet, seu marido, pioneira na introdução do pensamento de Habermas no Brasil, estabelecendo uma relação entre suas reflexões e as de Jean Piaget.

As inscrições para os eventos podem ser feitas no próprio campus de Araraquara. São os seguintes os preços: para o ciclo, 20 BTN (estudantes) e 50 BTN (profissionais); para o curso, taxa única de 25 BTN. Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (0162) 32-0444, ramal 110.

HISTÓRIA

Escravidão: das origens à abolição

O estudo da escravidão na América Latina conheceu, nos últimos anos, um considerável avanço na produção historiográfica. Resgatar essa produção através de análise de textos e aulas expositórias é o objetivo primordial do curso “Escravidão na América Latina: controvérsias e perspectivas”, que será ministrado entre os próximos dias 21 de agosto e 16 de outubro na Faculdade de Ciências e Letras do campus de Assis. Com promoção do Departamento de História da FCL, o curso deverá investigar as origens e estabelecimento da escravidão africana na América Latina, o trabalho indígena e o trabalho escravo africano, o tráfico negreiro e a economia da escravidão, a demografia e a família escrava, o declínio do sistema escravagista e, finalmente, a imigração e a abolição. “Nosso trabalho será voltado basicamente para a atualização desses estudos, através do exame da obra dos autores mais importantes dos últimos dez anos”, explica a professora Maria Di Creddo, uma das organizadoras do evento, ao lado dos professores Horacio Gutiérrez e Milton Carlos Costa, todos da FCL.

“Se conseguirmos despertar o interesse para



FCL de Assis: atualização de estudos sobre a escravidão

a iniciação de pesquisas nessa área e indicar novos temas que possam ser discutidos em sala de aula, teremos alcançado nosso objetivo”, ela completa.

Destinado a alunos de graduação e pós-graduação e a professores de 1.º e 2.º graus, o curso deverá também, segundo Di Creddo, “tentar preencher a lacuna provocada com a suspensão dos cursos da CENP”. Perfazendo um total de 64 horas e com taxa de inscrição fixada em 3 BTN, o evento tem seu número de vagas limitado em 40. Os interessados poderão fazer suas matrículas, entre 1.º e 20 de agosto, na própria FCL, à Av. Dom Antonio s/n.º, em Assis, ou pelo telefone (0183) 22-2933.

Pensadores no exílio

O termo “Escola de Frankfurt” refere-se menos a uma localização geográfica e mais ao pensamento de um grupo de intelectuais marxistas que formularam, em Frankfurt, no período anterior a Hitler e, depois, no exílio, uma teoria denominada “Teoria Crítica”. Seus principais ideólogos foram Herbert Marcuse, Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Sua importância se deve, em grande parte, ao modo como reagiu criticamente às contribuições freudianas, resgatando suas teses para a formulação de uma nova teoria da cultura.

A preocupação fundamental da Teoria Crítica girava em torno da constatação da precariedade com que as ciências sociais abordavam o fenômeno da constituição da consciência social e individual. Assim, em 1923, o grupo fundou oficialmente o Instituto de Pesquisa Social, vinculado à Universidade de Frankfurt, e procurou,



Benjamin: suicídio

Arquivo

com a ascensão do nazi-fascismo, explicar a adesão em massa do proletariado às ideologias autoritárias. Consideravam que a teoria freudiana, além do marxismo, teria valiosas contribuições a dar nesse sentido.

Com a perseguição nazista, a partir de 1934, o Instituto transferiu-se para os Estados Unidos. Para lá foram Eric Fromm, Adorno, Marcuse e Horkheimer. Walter Benjamin, no entanto, fracassando em sua tentativa de fuga, suicidou-se em 1943, quando foi barrado por agentes da polícia na fronteira da Espanha com a França. Horkheimer e Adorno só retornaram à Alemanha em 1950 e Marcuse permaneceu nos Estados Unidos.

Habermas esteve vinculado ao Instituto de Pesquisa Social entre 1956 e 1959, quando foi assistente de Adorno. Durante os anos 70, inicia um período de críticas abertas às idéias de Adorno, Marcuse e Horkheimer, com os quais parecia concordar até então. A maior crítica de Habermas a esses autores refere-se ao conceito de razão histórico-filosófica, de inspiração marxista, por eles adotado mesmo após o reconhecimento do fracasso do proletariado ocidental em cumprir seu papel histórico transformador.

AGENDA

ARAÇATUBA

- 15/08. Palestra: "Os animais têm alma?". Promoção do Departamento de Morfologia.
- 17, 18, 24 e 25/08. Curso teórico-prático: "Manipulação de Instalações Elétricas e Aparelhos de Precisão". Inscrições gratuitas, de 3 a 15/8. Promoção da Comissão Especial dos Cursos de Atualização e Aperfeiçoamento.
- 1.º/09 a 30/11. "Campanha dos Bons Dentes". Promoção do Departamento de Odontologia Social.
- 14, 21 e 28/09. Curso teórico: "História dos Materiais Dentários". Inscrições gratuitas, de 4 a 12/09. Promoção da Comissão Especial dos Cursos de Atualização e Aperfeiçoamento.

ARARAQUARA

- 10 a 31/08. I Exposição de Fotos Odontológicas de Araraquara, na FO. Promoção da FO.
- 12 a 19/08. XXXVII Jornada Farmacêutica, na FCF. Promoção dos Departamentos de Alimentos e Nutrição e de Princípios Ativos, Naturais e Toxicologia e Centro Acadêmico de Ciências Farmacêuticas.
- 16/08 a 22/11. Ciclo de Estudos sobre Política Educacional Brasileira, na FCL. Promoção do Departamento de Ciências da Educação e Centro de Estudos e Pesquisas Pedagógicas.
- 18 a 25/08. 44.ª Jornada Odontológica Internacional "Prof.º Dr. Roberto Miranda Esberard". na FO. Promoção do Diretório Acadêmico.
- 20 a 24/08. II Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho — SIPAT, na FO. Promoção da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho.
- 27 a 31/08. Ciclo de Conferências sobre a Escola de Frankfurt, na FCL (veja reportagem à pág. 11). Promoção dos Departamentos de Psicologia da Educação, de Psicologia e de Antropologia, Política e Filosofia.
- 30/08. Noite Musical com o Grupo "Lua de Neon", na FCL. Promoção do Diretório Acadêmico "José Arantes".
- 17 a 20/09. Oficinas de Arte-Educação, na FCL. Promoção do Centro de Estudos, Assessoria e Orientação Educativa "Dante Moreira Leite".

ASSIS

- 10/08. Debate: "A Cartografia da América". Promoção dos Departamentos de Psicologia Clínica e de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar.
- 13 a 17/08. Exposição Comemorativa à Semana do Folclore: "Assis nas Artes". Promoção do Departamento de Linguística e Instituto de Estudos Vernáculos "Antônio Soares Amora".
- 15 a 17/08. Palestra: "Cem anos de Oswald de Andrade". Promoção do Departamento de Literatura.
- 22/08. Teatro: "Cabaret". Promoção do Instituto de Estudos Vernáculos "Antônio Soares Amora".
- 29/08. Palestra: "Biotecnologia". Promoção do Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho.
- 09/09. Apresentação do Grupo de Instrumentos Antigos "Touffion". Promoção do Departamento de Letras Modernas.
- 11 a 14/09. Mesa-redonda: "Os Trabalhadores da Educação no Brasil". Promoção do Departamento de Educação.
- 11 a 14/09. Mesa-redonda: "Educação Brasileira: Realidade e Perspectiva". Promoção do Departamento de Educação.
- 19/09. Show Musical: "Xeiro Verde". Promoção do Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar e Diretório Acadêmico.
- 24/09 a 18/10. II Ciclo de Estudos Antigos e Medievais. Tema: "Passagem da Antiguidade para a Idade Média". Promoção do Departamento de História.

BAURÍ

- 16/08. Apresentação Musical, na FET. "2 de Paus". Promoção da Comissão de Atividades Culturais e Diretório Acadêmico.
- 25/08. Teatro: "Em busca de Novas Linguagens", na FAAC. Promoção do Diretório Acadêmico "Di Cavalcanti".
- 10 a 14/09. Palestra, na FC: "Organização da Informática na Empresa". Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Diretório Acadêmico.
- 17 a 21/09. Palestra, na IPMet: "A Criança e o Tempo". Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.

BOTUCATU

- 10/08. Simpósio, na FM: "Biotecnologia e Saúde. Papel da Faculdade de Medicina: Produção ou Consumo?". Organização da Comissão de Pesquisa da FM.
- 22/08. Apresentação do Coral da Misericórdia Botucatuense, no IB. Promoção da Comissão de Atividades Culturais.
- 24 a 26/8. Curso, na FCA: Oficina de Dança. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Diretório Acadêmico da FCA.
- 13/09. Recital de piano, no IB, com João Carlos Parreira. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.
- 20/09. Show Musical, na FCA: "2 de Paus". Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Diretório Acadêmico da FCA.
- 23/09. Apresentação de Danças de Pernambuco, na FM, com o Grupo Urucungas Puitas e Onjengues. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.
- 27/09. Recital de Piano, no IB, com Maria Eliza Risarto. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.

FRANCA

- 7 a 11/08. I Ciclo de Cinema Brasileiro. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Cineclube Universitário Lumière.
- 14 a 16/08. Palestra: "Movimentos Sociais na América Latina". Promoção do Departamento de Serviço Social.
- 20 a 24/08. Exposição de Fotografias: "A Cidade em Movimento". Promoção do Centro de Estudos Históricos "Gabriel Roy".
- 27/08. Palestra: "Terra, Trabalho e Poder: O Mundo dos Engenheiros no Nordeste Colonial". Promoção do Departamento de História Social, Política e Econômica.
- 27 a 31/08. Ciclo de Cinema Russo. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Cineclube Universitário Lumière.
- 04 a 06/09. X Encontro do Núcleo de São Paulo da ANPUH - Associação de Professores Universitários de História.
- 10 a 14/09. II Ciclo de Cinema Brasileiro. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Cineclube Universitário Lumière.
- 19/09. Apresentação do Grupo de Percussão do IA - PIAP. Promoção do Departamento de História Social, Política e Econômica.

- 24 a 28/09. Ciclo de Cinema Latino-Americano. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Cineclube Universitário Lumière.

GUARATINGUETA

- 15/08. Apresentação da Orquestra de Sinos "GORSKIAP". Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.
- 20/08. Show Musical: Irajá Menezes e Newton Carneiro. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais e Departamento de Produção.
- 27/08. Apresentação de Dança: "Quilombos". Promoção do Diretório Acadêmico da FEG.
- 29/09. Recital de Piano. Promoção da Comissão Local de Atividades Culturais.

ILHA SOLTEIRA

- 15/08. Apresentação do Grupo de Percussão do IA - PIAP. Promoção da ADUNESP.
- 25/08. Show com "Raízes de América". Promoção da ADUNESP, Diretório Acadêmico e Sindicato dos Eletricitários.
- 27 e 28/08. Programa "Venha nos Conhecer". Promoção da Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.
- 29/08. Apresentação do Documentário de ficção em Vídeo "Colônias Vazias", pelo professor César Augusto de Carvalho. Promoção da ADUNESP.
- 17 a 22/09. XI Semana de Engenharia e Agronomia. Promoção do Grêmio Estudos de Engenharia Civil.

JABOTICABAL

- 06 a 10/08. III Simpósio sobre Tópicos Avançados em Reprodução Animal. Promoção do Departamento de Reprodução Animal.
- 13 a 17/08. Curso de Aperfeiçoamento Profissional sobre Biologia e Manejo de Plantas Daninhas. Promoção da Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (FUNEP).
- 15/08. Curso: "Atualização em Ortopedia de Cães e Gatos". Promoção do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária.
- 16/08. Curso: "Atualização em Cálculos de Calagem e Adubação em Culturas". Promoção do Departamento de Solos e Adubos.
- 10/09. Palestra: "Custo de Produção na Agricultura". Promoção do Departamento de Economia Rural.
- 12/09. Palestra: "Tópicos de Anestesia de Cães e Gatos". Promoção do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária.
- 13/09. Palestra: "Uso e Manejo de Fostatos Naturais". Promoção do Departamento de Solos e Adubos.
- 17 a 21/09. Seminário Internacional sobre Biologia e Manejo de Plantas Invasoras. Promoção da FUNEP.
- 18/09. Palestra: "Apicultura". Promoção do Departamento de Zootecnia de Ruminantes e Animais de Seco Funcional.
- 19/09. Palestra: "Tópicos em Anestesia de Equinos". Promoção do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária.
- 24 a 26/09. Palestra: "Criação de Camarão de Água Doce". Promoção do Departamento de Biologia Aplicada à Agropecuária.
- 26/09. Palestra: "As Condições da Produção Agropecuária: Um Enfoque Intersetorial". Promoção do Departamento de Economia Rural.
- 26/09. 1.º Curso sobre Produção de Hortaliças para Pequenos Produtores. Promoção do Departamento de Horticultura.

MARÍLIA

- 06 e 07/08. Palestras: "Galileu e a Nova Ciência". Promoção do Diretório Acadêmico XV de Março.
- 17/08. Palestra: "O Estado e a Educação", por Guiomar Namo de Mello. Promoção do Departamento de Administração e Supervisão Escolar.
- 03 a 21/09. Ciclo de Palestras: "Psicologia e Sociedade". Promoção do Departamento de Psicologia da Educação.

PRESIDENTE PRUDENTE

- 24/08. Apresentação do Grupo de Dança Afro "AJÁINA". Promoção do Departamento de Educação Física.
- 27 a 31/08. Semana da Educação. Promoção do Departamento de Educação, Delegacia de Ensino, Coordenação do Curso de Pedagogia da FCT e Centro de Estudos Pedagógicos.

RIO CLARO

- 1.º/08 a 30/11. Ciclo de Conferências, no IB: A Formação do Educador, Alfabetização de Adultos, Educação de Adultos e Escola Pública. Promoção do Departamento de Educação.
- 20 a 23/08. Ciclo de Palestras, no IB: "Ecologia e Meio Ambiente". Promoção do Centro de Estudos Ecológicos.
- 20 a 22/09. IV Simpósio de Quantificação em Geociências, no IGCE. Promoção do IGCE.
- 21/09. Exposição Comemorativa ao Dia da Árvore, no IB. Promoção do Centro de Estudos Ecológicos.
- 24/09. II Seminário de Estudos da Pedagogia, no IB. Promoção do Departamento de Educação e Centro de Estudos de Pedagogia.
- 24 a 29/09. Semana de Estudos Biológicos, no IB. Promoção do Centro de Estudos Biológicos.
- 24 a 29/09. Semana de Estudos Ecológicos, no IB. Promoção do Centro de Estudos Ecológicos.
- 25/09. Palestra, no IB: "Sexo e Família". Promoção do Departamento de Educação Física.
- 26/09. Palestra sobre Educação Brasileira, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física e Centro de Estudos da Educação Física "Ação Direta".
- 28/09. Palestra sobre Meio Ambiente, no IB. Promoção do Departamento de Educação Física e Centro de Estudos da Educação Física "Ação Direta".

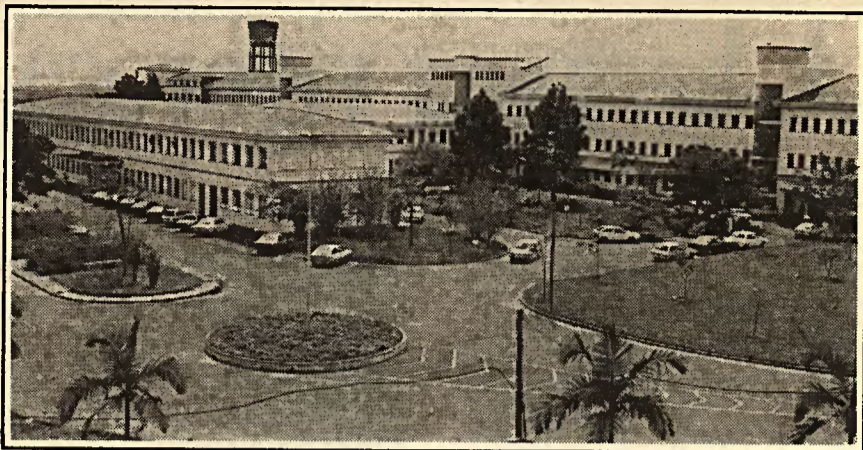
SÃO PAULO

- 20 a 22/08. Concurso Nacional "Ritmo e Som". Promoção do Departamento de Música do IA.
- 27 a 31/08. Palestras: "A Cultura Brasileira e a Canção Erudita". Promoção do Departamento de Música do IA.
- 18 e 20/09. Ciclo de Palestras de Música. Promoção do Departamento de Música e Diretório Acadêmico "Manuel Bandeira" do IA.
- 24 a 28/09. V Semana "Ritmo e Som". Promoção do Departamento de Música do IA.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

- 20 a 24/08. Mesa-redonda: "Universidade e Pesquisa: O Elo Perdido". Promoção do Diretório Acadêmico de Filosofia.
- 17 a 21/09. IV Semana de Engenharia de Alimentos. Promoção do Centro de Estudos de Engenharia de Alimentos.
- 24 a 28/09. Conferências: "Os Impactos da Computação na Sociedade". Promoção do Centro de Estudos da Computação.

SIMPÓSIO



Lilo Claret

FM, Botucatu: Universidade analisa a geração de tecnologia

Botucatu discute a biotecnologia

Ocupando papel relevante na pesquisa, assistência médica, diagnósticos e terapêuticas, os processos e produtos biotecnológicos foram alvo de estudos e debates durante o simpósio "Biotecnologia e Saúde - Papel da Faculdade de Medicina: Produção ou Consumo?", realizado na Faculdade de Medicina do campus de Botucatu no último dia 10 de agosto.

Organizado pela Comissão de Pesquisa da FM, o evento foi aberto às 9 horas, pela professora Dinah Borges, diretora da Faculdade de Medicina. Em seguida, Luiz Gonzaga Belluzzo, secretário de Estado da Ciência e Tecnologia de São Paulo, discorreu sobre o tema "Financiamento para Pesquisa Tecnológica e Orçamento do Estado de São Paulo". Ainda pela manhã, o vice-reitor da UNESP, professor Arthur Roquete de Macedo, falou sobre "Pólos Regionais de Pesquisa Tecnológica", seguido pelas palestras "Integração Universidade e Empresa na Produção Biotecnológica", por Hermógenes Santos Werneck Filho, coordenador de Biotecnologia da FI-

NEP, e "Centro Universitário em Biotecnologia: o Caso do CEBTEC", por Otto Crocorno, do Centro de Biotecnologia Agrícola de Piracicaba.

Na parte da tarde, a partir das 14h30, foram realizadas as seguintes palestras: "Demanda para Pesquisa Biotecnológica na área da Saúde", por Akira Homma, do Instituto Oswaldo Cruz, e Willy Beçak, diretor técnico do Instituto Butantã; e "Experiência Empresarial na Área da Biotecnologia", por Marcos Mares-Guia, vice-presidente de Tecnologia da Biobrás, e Rubens do Nascimento Gonçalves Filho, diretor-técnico da Biotest. Finalmente, às 16h30, Spartacus Astolfo Filho, da Universidade de Brasília, abordou o tema "Integração Universidade-Empresa: O Caso do Laboratório de Biologia Molecular da UnB". A título de encerramento, foi realizada, na sala da Congregaçã, na manhã do dia 13, reunião da diretoria e da Comissão de Pesquisa com grupos interessados no envolvimento com instituições e programas de biotecnologia.

SEMINÁRIO

Engenharia une Guaratinguetá à Alemanha

Trocar informações e experiências sobre tecnologia e educação, na área de Engenharia, com instituições alemãs é o objetivo central do seminário bilateral entre a Universidade Tecnológica de Darmstadt e UNESP que o campus de Guaratinguetá promove entre os dias 6 e 31 de agosto. Ao longo desse período, serão abordados temas como o ensino na engenharia e a integração entre a universidade e a indústria e debatidos aspectos relacionados à pesquisa e desenvolvimento. Entre os dias 13 e 24 de agosto serão minis-

trados dois cursos compactos: "Conversores de frequência com dispositivos semicondutores e aplicação no controle de máquinas trifásicas. Dispositivos programáveis de controle e aplicação na eletrotécnica de potência" e "Tratamento numérico de equações diferenciais ordinárias".

As palestras serão realizadas no auditório da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. Maiores informações poderão ser obtidas no Departamento de Mecânica da FE ou pelo telefone (0125) 22-2800, ramal 42.

JORNADA

Em Araraquara, as novidades da Farmácia

Visando sobretudo ao aperfeiçoamento e à ampliação dos conhecimentos técnico-científicos do estudante de Farmácia, do docente e do profissional já formado, a Faculdade de Ciências Farmacêuticas do campus de Araraquara estará promovendo, entre os dias 12 e 19 de agosto, a XXXVII Jornada Farmacêutica da UNESP.

Idealizada em agosto de 1954, "com o objetivo de constituir oficialmente um órgão de defesa da classe farmacêutica", como explica um de seus organizadores, o estudante quartanista Antônio Marcolino do Nascimento, a jornada deste ano incluirá cursos, palestras e uma sessão de temas livres. De acordo com outro organizador do evento, o também quartanista Edmilson Yorio Otake, "os cursos oferecidos tentarão contemplar os interesses da maioria dos profissionais e estu-

dantes de Farmácia". Entre os temas abordados por professores das três universidades paulistas — UNESP, USP e Unicamp — e por representantes de várias instituições particulares, estão noções de primeiros socorros e medidas de segurança, aspectos químicos e farmacoterápicos das plantas medicinais, industrialização de alimentos, montagem e gerenciamento de farmácia de manipulação e vários outros sobre os campos de atuação do bioquímico.

Os cursos serão ministrados, em período integral, entre as 8 e 12 horas e 14 e 18 horas, e as palestras à noite, a partir das 20 horas, sempre no anfiteatro da FCF. As taxas de inscrição variam entre 17 e 30 BTNf. Maiores informações poderão ser obtidas no Centro Acadêmico (CACIF) pelo telefone (0162) 36-6465.

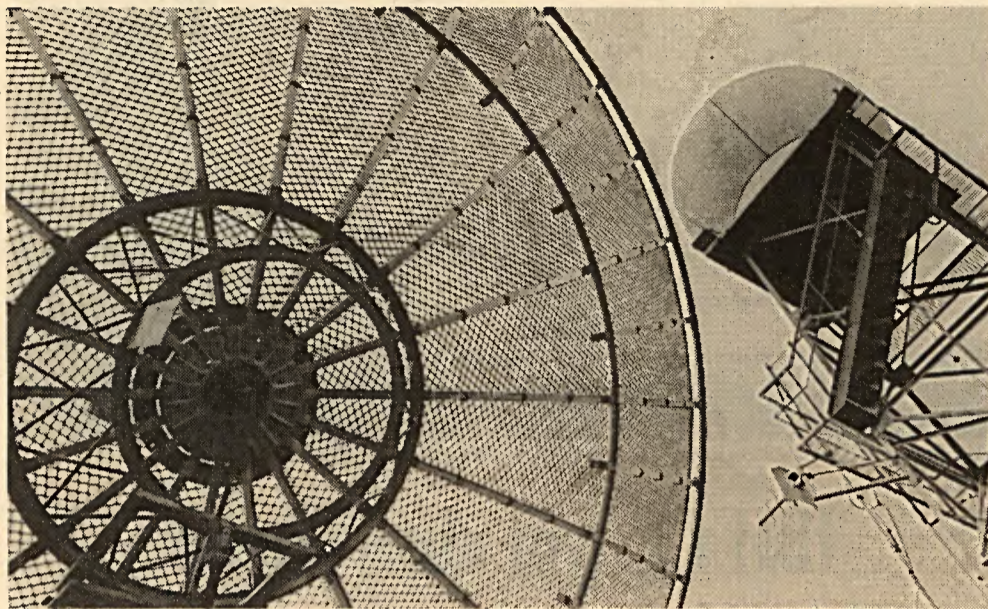
Expounesp integra Universidade e sociedade

Em sua primeira versão, o evento ocupará todo o campus de Bauru

Apresentar à comunidade as principais atividades desenvolvidas pela UNESP e, ao mesmo tempo, funcionar como orientação vocacional para alunos de nível médio ainda em dúvida ou com poucas informações sobre carreiras de 3.º grau, são as propostas básicas da I Expounesp, que o campus de Bauru deverá sediar entre os próximos dias 13 e 16 de setembro. O evento vai marcar o início de uma série de feiras anuais que a Universidade deverá promover em todos os seus campus, revezadamente, como forma de se abrir à população, em integração que deverá trazer benefícios a ambos os lados.

A I Expounesp deverá ocupar todo o campus de Bauru e reunirá trabalhos e atividades de todas as unidades da Universidade. Haverá 109 exposições fixas com 255 painéis, 46 *workshops*, exibições de vídeos, 20 computadores em operação ininterrupta, uma intensa programação artístico-cultural e esportiva, excursões ao IPMet e à Rádio Universitária (em instalação no campus) e um completo trabalho de resgate histórico sobre a Universidade e, em particular, sobre o próprio campus, ex-Universidade de Bauru e ex-Fundação Educacional de Bauru. Serão promovidos ainda quatro grandes debates sobre temas polêmicos, que devem reunir especialistas de várias áreas diante de uma platéia de pelo menos 300 convidados.

Para viabilizar tudo isso, foi montada uma completa infra-estrutura, com diversas comissões designadas para cuidar de cada detalhe. Na divisão da ocupação de espaço, por



"Informática Aplicada em Meteorologia": *workshop* promovido pelo IPMet

exemplo, ficou definido que os 81 cursos dos 13 campus presentes, mais os institutos e órgãos administrativos, serão distribuídos em áreas distintas, identificadas por cores: as Ciências Biológicas virão na cor vermelha; as Exatas, em verde; as Humanas e Administração, em azul; e as Geociências, em marrom. Haverá ainda um ambulatório médico em funcionamento permanente, uma "Praça da Comida" e transporte gratuito para os participantes.

"APRENDER FAZENDO"

As atividades terão, como público-alvo, profissionais das mais diferentes áreas, estudantes e a população em geral. Mas algumas delas, especificamente, serão destinadas apenas a profissionais. Este é o caso, por exemplo, do *workshop* "Informática Aplicada em Meteorologia", promovido pelo IPMet (Instituto de Pesquisas Meteorológicas). Outros cursos apresentarão, na área das Ciências Exatas, trabalhos com resistência de concre-

to e argamassa, para os profissionais e estudantes de engenharia civil, e a técnica e a arte em vidro, a ser ministrado por docentes do Instituto de Química do campus de Araraquara.

Na área de Ciências Biológicas, são vários os *workshops* programados, e alguns dos temas abordados serão: "Análise Clínica de Diabetes e Hipertensão" (a cargo da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, FCF, de Araraquara); "Alcoolemia e Trânsito" (IB, de Botucatu) e "Técnica de Aplicação Dentária a Laser" (FO, de Araçatuba). Também diversificados serão os temas abordados na área de Ciências Humanas: os campus de Bauru, Botucatu, Marília, São Paulo e Presidente Prudente vão explicar propostas de diferentes práticas e métodos, incluindo aprendizado de noções básicas de leitura e redação. A área de Geociências terá várias projeções em vídeo e a história do campus de Bauru deverá ser contada através de uma exposição fotográfica.

De acordo com a presidenta da Comissão Organizadora da I Expounesp, professora Elaine da Graça Caramella, o objetivo primordial do evento é oferecer ao visitante a oportunidade de "aprender fazendo". "Desse forma", ela diz, "as pessoas poderão conhecer melhor a produção científica e acadêmica da Universidade, aferindo também os benefícios que ela traz à sociedade."

Outras informações sobre o evento poderão ser obtidas no próprio campus de Bauru, ou pelo telefone (0142) 23-5156.

João Ranazzi, de Bauru

POLÊMICA

Experiências com animais dividem Marília

"A experimentação animal, que implica sofrimento físico e psíquico, é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer outra. As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas."

Tomando por base este texto, artigo oitavo da "Declaração Universal dos Direitos dos Animais", proclamada pela Unesco em 1978, em Bruxelas, alguns professores e alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília iniciaram, em abril último, um movimento de protesto contra a utilização de animais em experiências no curso de Fonoaudiologia, que acabou por gerar polêmica e dividir o campus. De um lado, cerraram fileira as pessoas contrárias à utilização de animais, quaisquer que sejam eles, em experiências; de outro, os que defendem a utilização de animais de laboratórios em práticas de ensino.

De acordo com Sônia Marrach, professora de História da Educação Brasileira da FFC, o curso de Fonoaudiologia do campus de Marília é dos poucos, se não o único, a adotar essa prática, que inexistente, por exemplo, na USP de São Paulo e de Bauru e na PUC de São Paulo e Campinas. "Não há justificativa científica ou pedagógica para essas experiências", afirma Sônia. "Afim, que importância elas podem ter para a formação de um fonoaudiólogo, que vai trabalhar com os distúrbios da fala?"

Do outro lado da questão pontifica a professora Viviane Galvão Vilane, justamente a responsável pelo curso de Fonoaudiologia, para quem, aliás, a polêmica não se justifica. "Nós não estamos utilizando animais domésticos, mas apenas os de laboratório, como sapos e ratos", explica. "E o fato de outros cursos de fono não utilizarem estas práticas se deve a diferenças básicas de currículo. Eles



"Carrocinha", para recolhimento de animais: a população mariliense vetou projeto da Câmara Municipal

estão mais voltados para a área educacional, e nós para a prevenção de deficiências da fala. Temos que saber fazer um diagnóstico e, para isso, é necessário conhecermos o organismo como um todo", completa.

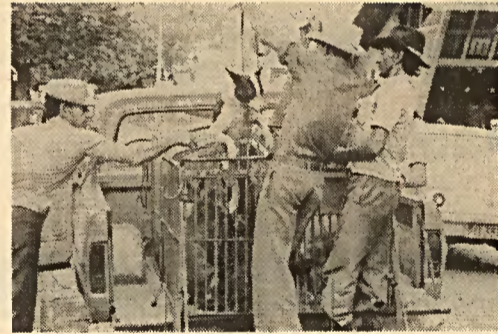
"CARROCINHA"

O movimento já produziu um documento, emitido pelos cursos de Fonoaudiologia da PUC/SP, repudiando as experiências com animais, e um abaixo-assinado com quatrocentas assinaturas, ambos encaminhados ao diretor da unidade, professor Jayme Gasparoto, que afirmou ainda não ter opinião formada sobre o assunto. "De qualquer forma, o caso vai ser tratado normalmente", comenta Gasparoto. "Vamos submetê-lo à apreciação do Conselho de Curso e, depois, à Congregação."

Para Luiz Augusto de Paula Souza, coordenador do curso de Fonoaudiologia da PUC/SP e professor de Ideologia da Linguagem, que esteve em Marília, a convite, para debater publicamente o problema, experiências com animais para fins científicos só se



justificam onde não possam ser substituídas. "E este, está claro, não é o caso da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília", ele garante. "Um procedimento desse tipo só é aceitável, por exemplo, em experiências com drogas sobre as quais ainda não se conhecem os efeitos. Para o estudo da fisiologia e da anatomia existem vários recursos, como filmes e uma vastíssima bibliografia. Não vejo sentido em abrir um animal para constatar que o seu coração bate ou que o seu sangue circula", completa. Ainda de acordo com Luiz de Paula Souza, experimentos desse tipo conflitam com a própria concepção de universidade, que teria uma grande responsabilidade ecológica. "Nas universidades europeias, onde essa consciência é bastante desenvolvida, essas experiências foram sumariamente extintas ou mantidas apenas em cursos específicos, em proporções pequenas. Acredito ser papel da Universidade criar tecnologia que evite esses atentados e ajudar a desenvolver essa consciência em todos os cursos, em todas as áreas."



Fotos Paulo Velloso

O movimento "preservacionista" ganhou ainda mais força com a participação da população de Marília, que, levada pela escritora Olímpia Salette Rodrigues, fundou a Comunidade Mariliense na Proteção e Defesa dos Animais e conseguiu, junto à Câmara Municipal, vetar um projeto proposto pela Universidade de Marília (Unimar), que previa a criação das "carrocinhas" para o recolhimento de animais nas ruas. "Nós propusemos soluções alternativas para o recolhimento desses animais, conseguimos distribuição gratuita de vacinas e a colaboração dos veterinários da cidade", conta Olímpia, que abriga 19 animais em sua casa.

Um tanto arrefecida durante o período das férias escolares, a polêmica na FFC de Marília promete reacender-se já no mês de agosto, quando o médico Alfredo Tabith Jr. e o nefrologista Marco Antônio Moura debaterão no campus, respectivamente nos dias 10 e 17, o tema "A Formação do Fonoaudiólogo e as Experiências com Animais".

INTERCÂMBIO

Governo francês oferece bolsas

A Assessoria de Relações Internacionais (ARINT), que tem como um de seus objetivos estabelecer um intercâmbio regular com universidades no exterior, está divulgando algumas modalidades de bolsas de estudos oferecidas pelo governo francês e os órgãos para que os interessados possam obter maiores informações. Todas as bolsas, para profissionais já graduados, abrangem o biênio 1990-1991.

- Interuniversitários: Capes - Rua Apa, n.º 83; São Paulo - SP. Fone 825-0855, ramal 139.
- Especialização de Engenheiros: CNPq - Av. 9 de Julho, n.º 4.400; São Paulo - SP. Fone 881-8255.
- Ciências Humanas, Econômicas, Jurídicas e Políticas: Serviço Cultural do Consulado Francês - Av. Paulista, n.º 2.073, Edifício Horsa I, 17.º andar; São Paulo - SP. Fones 287-9522 ou 284-4233, com Ivan Vache.
- Aperfeiçoamento para Professores de Francês: Bureau d'Action Linguistique (B.A.L.) - Rua Mairinque, n.º 256; São Paulo - SP. Fone 572-7245, com Mônica.
- Estágio para Jornalistas: Serviço de Imprensa do Consulado Francês - Av. Paulista, n.º 2.073, Edifício Horsa I, 7.º andar, sala 718; São Paulo - SP. Fones 287-9200 ou 287-9522, ramal 116, com Antônio Carlos.

PÓS-GRADUAÇÃO



Catálogo de cursos

O Grupo de Informações Documentárias da Reitoria está colocando à disposição de todos os interessados o "Catálogo de cursos de pós-graduação do Brasil", publicado pela UNESP em 1989. O catálogo contém informações sobre os 174 cursos credenciados pelo Conselho Federal de Educação (CFE) até dezembro de 1988.

A relação de cursos está organizada em ordem alfabética de Estados, municípios e instituições onde são oferecidos, respectivamente. O volume, com 191 páginas, apresenta também índices alfabéticos remissivos de cursos e instituições, com endereço, telefone, nível (mestrado ou doutorado), número do parecer do CFE favorável ao credenciamento e diversas outras informações técnicas.

Tendo sido distribuído para as universidades de todo o país, consulados, embaixadas e órgãos ligados à educação, além de diretorias, bibliotecas e assistências técnicas acadêmicas de toda a UNESP, o catálogo começa a ser enviado, agora, aos departamentos. Para receber a publicação, inteiramente grátis, basta escrever para a Reitoria da UNESP — Grupo de Informações Documentárias — Praça da Sé, 108, sobreloja — CEP 01001, São Paulo, SP. Ou ligar para (011) 32-7171, ramais 197, 198, 189 ou 160.

POSSE



Naoum: indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão

IBILCE tem novo diretor

São José do Rio Preto esteve presente de várias maneiras na cerimônia de posse do novo diretor do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), professor Paulo Cesar Naoum, no último dia 12 de julho, na Reitoria. Além dos representantes de docentes, alunos e funcionários da unidade, a cidade foi várias vezes mencionada por Naoum em seu discurso: "Estamos localizados num dos municípios que mais contribuem para o desenvolvimento do Estado", destacou ele no seu pronunciamento. O diretor quer marcar sua gestão por uma integração acentuada com a comunidade local e, para isso, pretende dar impulso aos convênios com entidades privadas e oficiais.

Outra das propostas básicas de Naoum é a abertura de cursos de graduação e pós-graduação que atendam às necessidades locais. "Nosso objetivo é transformar a unidade de Rio Preto num campus complexo, em

que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seja realmente praticada", acentuou. Além dos projetos para o futuro, suas propostas se voltam para a resolução das questões atuais do IBILCE: ele já está reivindicando da Reitoria verbas para problemas como a reforma urgente do prédio central do Instituto, a construção de uma central de salas de aula e a melhoria da biblioteca e dos laboratórios. Ao falar de suas prioridades, o novo diretor ressaltou que pretende alcançá-las com o apoio da comunidade do campus e da própria cidade.

Abrindo a cerimônia, o reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim, garantiu apoio irrestrito à administração do professor Naoum e destacou o desenvolvimento atingido pelo IBILCE na gestão anterior, comandada pelo professor Antonio Espada Filho.

MICROBIOLOGIA

Docentes de Rio Claro recebem prêmio internacional

O Instituto de Biociências (IB) do campus de Rio Claro estará representado em um dos mais importantes eventos mundiais da área da microbiologia. Os professores Mário Sérgio Palma, do Departamento de Biologia, e Sang Won Han, do Departamento de Bioquímica e Microbiologia, participarão a convite do encontro promovido pela União Internacional das Sociedades de Microbiologia, juntamente com cerca de 4 mil pesquisadores de todo o mundo. Tendo atualmente como país-sede o Japão, a União realizará o evento na cidade de Osaka, durante o próximo mês de setembro.

O critério de escolha dos pesquisadores que participam do evento, realizado a cada três ou quatro anos, baseia-se no currículo do profissional e também em um trabalho específico realizado por ele. A União Internacional das Sociedades de Microbiologia recebe, das cerca de 130 sociedades que coordena em todo o mundo, indicações dos pesquisadores que se destacaram com estudos em campos previamente estabelecidos. Para este prêmio, as pesquisas deveriam ser nas áreas de micologia e de bacteriologia, ciências que tratam dos fungos e das bactérias, respectivamente.

A União paga aos laureados as despesas



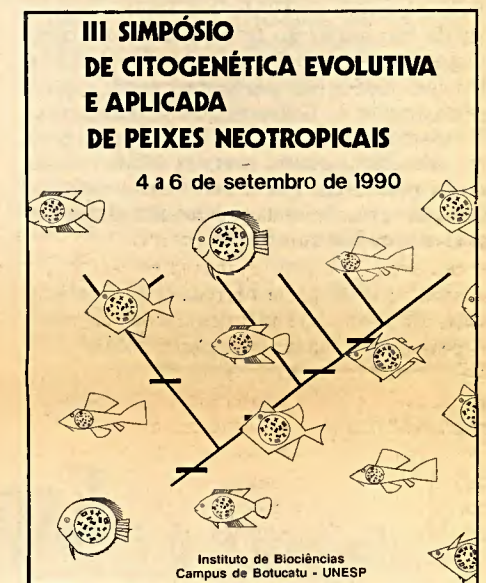
Palma: bolsa e viagem a Osaka

referentes à viagem e lhes outorga uma pequena bolsa, a título de auxílio-pesquisa, para um período de trinta dias. Han e Palma foram premiados com trabalhos de pesquisa básica na área de bioquímica de microorganismos, intitulados "Desrepressão de fosfomonoesterases em *Parmelia austrosinensis*" e "Desrepressão em fosfomonoesterases em

SIMPÓSIO

Aqui, tudo sobre peixes neotropicais

De 4 a 6 de setembro, o Instituto de Biociências de Botucatu promoverá o III Simpósio de Citogenética Evolutiva e Aplicada de Peixes Neotropicais. Coordenado pelo professor Fausto Foresti, o encontro tratará de aspectos básicos e aplicados de Genética, Citogenética, Citotaxonomia, Citossistemática e Evolução dos Peixes Neotropicais. Também será objeto de discussão a metodologia de identificação genética de espécies autóctones de interesse para a piscicultura. Entre outros especialistas, estarão presentes os professores Naércio Aquino de Menezes, do Museu de Zoologia da USP, Luis Antonio Carlos Bertollo, da Universidade Federal de São Carlos, Silvio de Almeida Toledo Filho e Lourdes Foresti de Almeida Toledo, do Instituto de Biociências da USP. Da UNESP participarão, entre outros, os professores Margarida Maria Penteadó Orellana, de Rio Claro, e Cláudio de Oliveira e Fausto Foresti, ambos do Instituto de Biociências de Botucatu. Informações pelo telefone (0149) 22-0555, ramal 264.



Neurospora crassa", respectivamente. Com chegada em Osaka prevista para o dia 14 de setembro, os dois professores apresentarão seus trabalhos, provavelmente, no dia 19. "A importância maior do prêmio é a possibilidade de estarmos juntos aos melhores pesquisadores do mundo em nossa área", comenta Palma.

Essa não será a primeira vez que Palma viajará a convite da União. Em 1986, ele e o professor Antônio José Bucalon, do Departamento de Física do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), também de Rio Claro, apresentaram trabalhos vencedores num evento semelhante realizado na Inglaterra — país que sediou a entidade entre 1983 e 1987.

Mário Palma e Sang Han dedicam-se à área da microbiologia que estuda os líquens e os fungos — ou à bioquímica dos microorganismos que, na natureza, podem ser encontrados, por exemplo, no bolor do pão, nas cascas das árvores ou sobre telhas e rochas. "Os líquens são mais facilmente encontrados em ambientes sem poluição", explica Palma. "Por isso, países mais desenvolvidos, como a Suécia, a Dinamarca ou a Finlândia utilizam esses seres como termômetro para aferir a qualidade do ar".

Entre dragões e falastrões

Opina-se muito quando o assunto é educação. Mas o que vale, mesmo, são os que fazem

Claudio de Moura Castro

Em um gigantesco hotel nas costas da Tailândia, montou-se um dos mais importantes e maiores encontros sobre educação jamais realizados. Banco Mundial, PNUD, Unicef e Unesco conseguiram carregar para o vilarejo de Jomtiem quatro chefes de Estado, 120 ministros da Educação, uma princesa e 2 mil outros participantes. Um país da África levou uma delegação de 80 membros. Do lado oficial, sessões plenárias com discursos infinitos e batalhas campais para acertar a forma e o conteúdo do documento final. Para os menos dados às liturgias oficiais, 30 mesas-redondas com uma bela coleção de estrelas e vacas sagradas da pesquisa educacional. Estima-se que a empreitada custou 8 milhões de dólares aos organizadores, afora o que gastaram os participantes.

A cada canto tropeçávamos com um vídeo sobre algum assunto educacional. Dentre as lojas do hotel havia pelo menos uma dúzia de alfaiatarias, destas que ficam abertas até uma da manhã e fazem um terno em 24 horas. Nos restaurantes, a comida tailandesa na pujança de todas as suas pimentas fazia estragos nas tripas menos tropicalizadas. Na cidade vizinha de Pataya, os inúmeros estabelecimentos de massagem ofereciam seus serviços, anunciando que as funcionárias fazem exames médicos mensais para evitar a AIDS.

Ao contrário de muitos destes eventos, mornos e insossos, a conferência *Educação para todos* tinha uma mensagem meridiana clara. Ali estavam as agências internacionais e mais uma vintena de outros patrocinadores dizendo alto e bom som que "a prioridade hoje deve ser a educação para todos". O discurso das agências está quase afinado entre si mas, verdade seja dita, não completamente. Contudo, o peso da mensagem era prioridade ao ensino básico e que seja para todos e não apenas para uma faixa modesta da população.

Mais do que isto, ensinar o bê-a-bá ou assinar o nome não basta. É preciso uma educação de qualidade, de intensidade e de dura-

ção suficientes para equipar as pessoas para a vida e para o trabalho. A escola básica é para aprender as competências essenciais para operar na sociedade de hoje.

Uma diferença com relação ao que se vinha dizendo antes é a importância maior dada ao conteúdo do ensino, mas, ao mesmo tempo, uma flexibilidade maior quanto à maneira de transmiti-lo. O que interessa é a educação e não a escola. Dentre as diferentes maneiras de se oferecer educação, a escola continua sendo a mais prática e conveniente. Mas não é a única. Devemos valorizar a educação onde quer que se encontre. Em cursos profissionais, em programas desescolarizados, na televisão, no rádio ou por correspondência. Não podemos nos dar ao luxo de deixar de lado formas e instrumentos que nos permitam transmitir estas competências básicas, sobretudo quando a escola é deficiente.

E, mostrando que não estavam lá só para conversar, os dirigentes das grandes agências, começando com o Banco Mundial, anunciaram um aumento enorme nas suas dotações e nos seus empréstimos para a educação básica. Mais ainda, convidaram os países participantes a fazer planos concretos de como pretendem melhorar os seus sistemas de educação básica.

É a nova moda? Sobem (ou descem) as saias, mudam os penteados e reviram-se as prioridades na educação? Antes era universidade, depois ensino técnico, passou por alfabetização, agora educação para todos? Sempre haverá algo de moda nestas coisas. Por que negá-lo?

Não obstante, é bem mais do que isto. Deu-se muito volta, os computadores mastigaram muitos números e os periódicos científicos, entra ano e sai ano, cospem pesquisas sobre o assunto. As opiniões flutuaram. Lá pelos idos de 60, apareceu a teoria do capital humano, proclamando os poderes quase mágicos da educação. Em oposição à credulidade e ao simplismo dos seus apóstolos mais veementes, vieram em seguida os críticos, mostrando que a educação servia para reproduzir a estrutura de classe da sociedade ou que era tudo uma ilusão estatística. Mas, nos últimos anos, a poeira assenta e começamos a ver mais claro.

Os países que andam bem fizeram um esforço extraordinário e persistente para oferecer aos seus cidadãos uma educação de qualidade. O salto econômico americano, na vira-

da do século, é coetâneo com uma das grandes revoluções educacionais. De fato, os Estados Unidos foram mais longe do que os outros na educação e passaram na frente também na economia. A Alemanha e o Japão também dispararam em educação e em crescimento econômico. A Inglaterra tropeçou na educação e na formação profissional na última década e hoje amarga uma força de trabalho despreparada para concorrer com seus vizinhos.

Tão impressionante quanto recente é o que vêm fazendo Hong-Kong, Coréia, Cingapura e Taiwan — os chamados quatro dragões. Sobre a sua fulgurante trajetória econômica não é mais preciso dissertar. Mas é sempre bom recordar que ainda mais impressionante é o que fizeram na educação. Não faz muito tempo, estavam pior do que o Brasil em escolaridade. Mas, com esforço e comprometimento total do país, eliminaram o analfabetismo, ofereceram educação básica a todos e esmeram-se na qualidade. Uma pesquisa recente mais uma vez confirmou que estes países passaram na frente dos Estados Unidos no aproveitamento em matemática e em ciências.

Neste particular, a única direção em que o Brasil se destaca é no prodígio de haver chegado tão longe com uma educação tão ruim. O brasileiro médio recebe uma educação de qualidade tão lamentável quanto a oferecida nos países latino-americanos mais pobres (isto já foi bem documentado pela pesquisa realizada pelo Programa Eciel). Temos um pequeno núcleo de boas escolas que nos permitiram o quase milagre de um bom desenvolvimento econômico com uma estreita base educacional. Se não fosse por elas, estaríamos na vala comum de muitos outros países, cujo nome prefiro deixar em branco. E se aprendemos alguma coisa com as análises de como operam as tecnologias industriais modernas, não podemos evitar a conclusão de que a educação se torna ainda mais relevante do que antes.

Mas acho que chegamos ao limite do que se pode fazer com um grupelho bem-educado liderando uma força de trabalho educacionalmente capenga. Queremos o desenvolvimento econômico dos dragões. Deitamos olho gordo nos seus êxitos recentes. Mas não queremos ver o que se passa atrás do palco. Fazemos vistas grossas para o esforço diuturno de fazer andar boas escolas.

A chave de uma boa educação básica é um segredo de polichinelo. Não há fórmulas mágicas, métodos revolucionários ou pedagogias milagrosas. É só dedicação, desvelo e compromisso com os resultados. Em um país como o Brasil, o resto vem a reboque, vai acontecendo naturalmente. A fórmula é simples. É preciso que todos os níveis da sociedade queiram intensamente ter um bom sistema educacional. Um grande líder como Zeferrino Vaz inventa uma universidade de primeira grandeza. Warwick Kerr por onde passou deixou um grupo de pesquisa de nível internacional. Mas no ensino básico é preciso mais do que isto. Para fazer render bem 25 milhões de alunos é preciso uma enérgica participação de todos e não apenas de líderes iluminados e ativos.

A começar pelos pais. Os sistemas educacionais públicos no Brasil, como em todas as partes, refletem as prioridades da sociedade. Se a sociedade é indiferente, o sistema será medíocre, na melhor das hipóteses. As forças vivas da sociedade têm que se convencer da impossibilidade de se ir muito longe sem uma boa educação e da necessidade imperiosa de vigiar de perto o que acontece.

Lamentavelmente, falta este compromisso com o fazer e o insistir. Na conversa e nos discursos, somos imbatíveis. Reuniu-se na Tailândia um grupo de latino-americanos para preparar as suas reivindicações à Conferência. Não estive presente, mas soube que discutiram longamente como iam conduzir o assunto e que não conseguiram ir muito longe. Não é disto que a educação brasileira precisa. Os países asiáticos parecem canalizar para a educação a energia que gastamos discutindo como salvá-la. Ao invés de discutir, eles trabalham.

Se olharmos o noticiário de educação de um jornal brasileiro, certamente encontraremos alguma controvérsia doutrinária, troca de acusações ou de lamúrias. Claro é que não se trata de deixar de criticar ou de fazer vistas grossas. Mas a tônica deveria ser dada pelos fazedores e não pelos falastrões. Que se discuta tudo, assim deve ser. Mas que tudo não seja só a discussão. Reflitamos um pouco: dentre os dragões e os falastrões, quem se vem dando melhor?

Este artigo foi originalmente escrito para o *Jornal do Brasil*

TESES, DISSERTAÇÕES E CONCURSOS

DOCENTES

- Paschoal Quaglio (FFC - Marília): "O papel dos agentes de supervisão: da teoria à prática". Banca: Anita Fávoro Martelli, Celestino Alves da Silva Júnior, Fernando Cláudio Pretes Motta, José Carlos de Araújo Melchior e Leonor Maria Tanuri. Doutorado, dia 30 de novembro, na FE-USP.
- Mauro Pedro Peres (FE-Guaratinguetá): "Estudo de amortecedores de vibração de linhas de transmissão de energia elétrica". Banca: Nazem Nascimento, Márcio Tadeu de Almeida e Gabriel Félix Gueler. Mestrado, dia 23 de março, na FE.
- Maria de Lourdes Sekeff Zampronha (IA - São Paulo): "Teoria geral da música". Banca: Roger Cotte, Yolanda Lulhier, Maria Alice Gomes da Fonseca, Kleide do Amaral e Miriam Ximenes. Concurso, dias 26 e 27 de abril, no IA.

ALUNOS

- Renato Moreira Arcieri (FO - Araçatuba): "Influência da distância entre os pontos de sutura

interrompida simples sobre a cicatrização de pele. Estudo clínico e histológico em ratos". Banca: Michel Saad Neto, Mário Francisco Real Gabrielli, Mercês Cunha dos Santos Pinto, Elcio Marcantônio e Edmur Aparecido Callestini. Mestrado, dia 6 de março, na FO.

• Rogério Lopes Vieites (FCA - Botucatu): "Translocação do nitrogênio fracionado no solo e efeitos sobre a cana-de-açúcar (Saccharum spp) com aplicação da vinhaça". Banca: Oswaldo Brinholi, Júlio Nakagawa e Ademar Espironelo. Mestrado, dia 9 de março, na FCA.

• Antônio Cordeiro Feitosa (IGCE - Rio Claro): "Evolução morfogenética do litoral norte da Ilha do Maranhão". Banca: Antônio Christofoletti, Maria Juraci Zani dos Santos e Arquimedes Perez Filho. Mestrado, dia 13 de março, no IGCE.

• Francisco Carlos de Francisco (IGCE - Rio Claro): "Análise ambiental e consequências do desmatamento no município de Presidente Prudente no período de 1917 a 1986". Banca: Maria Juraci Zani dos Santos, José Carlos Godoy Camargo e José Ferrari Leite. Mestrado, dia 22 de março, no IGCE.

• Luiz Fernando Krieger Merico (IGCE - Rio Claro): "Mapeamento geomorfológico e geotécnico como base para o planejamento do município de Brusque - SC". Banca: Jairo Roberto Jimenez Rueda, Felisberto Cavalheiro e Nilson Gandolfi. Mestrado, dia 27 de março, no IGCE.

• José Luís Dutra de Toledo (FHDSS - Franca): "Simbologia e Luxo no triunfo eucarístico - Villarica - 1733". Banca: Alzira Lobo de Arruda Campos, Teresa Maria Malatian e Arnaldo Daraya Contier. Mestrado, dia 27 de março, na FHDSS.

• Mara Regina Stipp Balarin (FMVZ - Botucatu): "Avaliação do estado nutricional de cálcio e fósforo em bovinos por meio da análise bioquímica da urina". Banca: Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Aguemi Kohayagawa e Maria Adriana Machado Lobo e Silva. Mestrado, dia 30 de março, na FMVZ.

• Vanderlei Geraldo Martins (IB - Rio Claro): "Citogenética e evolução cromossômica de espécies neotropicais de Termitas (Isoptera, Insecta)". Banca: Alejo Mesa Larrambehere, Amilton Ferreira, Catarina Satiê Takahashi, Hermione Ely Melara de Campos Bicudo e Luiz Roberto de Olivei-

ra Fontes. Doutorado, dia 30 de março, no IB.

• Osvaldo Aulino da Silva (IB - Rio Claro): "Aspectos da compartimentação mineral de *Amaiona guianensis* Shumann (Rubiaceae) e *Copaifera langsdorffii* Desf. (Leguminosae) em ecossistemas de cerrado e de mata mesófila semidecídua". Banca: José Antônio de Moraes, João Domingos Rodrigues, Sônia Cristina Perez, Sérgio Nereu Pagano e Wellington Braz Carvalho Delitti. Doutorado, dia 30 de março, no IB.

• Marília Barros de Almeida Toledo (IGCE - Rio Claro): "A prática docente em matemática: uma proposta de construção solidária". Banca: Maria Cecília de Oliveira Micotti, Luiz Roberto Dante e Ana Maria Pessoa de Carvalho. Mestrado, dia 4 de abril, no IGCE.

• Luiz Fernando de Oliveira e Silva Carvalho (FMVZ - Botucatu): "Investigação clínica, anatomo-patológica e citogenética de fêmeas sulnas com transtornos reprodutivos". Banca: Luiz Eustáquio Lopes Pinheiro, Eunice Oboia, Renato Campanarut Barnabé, Paulo Henrique Franceschini e Raul José Silva Girio. Doutorado, dia 17 de abril, na FMVZ.

LITERATURA

O que (e como) lêem nossos estudantes

Para alunos de 7.ª e 8.ª séries, Sabrina e Machado de Assis são a mesma coisa. É o que revela pesquisa da FCL de Assis

A Escola de Primeiro e Segundo Graus Dr. Clybas Pinto Ferraz é considerada uma das mais tradicionais e de melhor nível de ensino da cidade de Assis. Porém, um levantamento sobre leitura de textos infanto-juvenis, feito no ano passado entre seis turmas de 7.ª e 8.ª séries da escola, indica que seus alunos confirmam o atual distanciamento entre os jovens e os livros, um fenômeno discutido no país inteiro. Três docentes do Departamento de Literatura da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do campus de Assis comandam o trabalho: Carlos Erivany Fantinati — vice-diretor da FCL —, Maria Alice Faria e João Luís Ceccantini. Eles lembram que os dados ainda estão sendo organizados, mas as informações já definidas mostram até que ponto o contato com a literatura é visto pelos estudantes como mais uma obrigação a ser cumprida para que o seu currículo seja preenchido com boas notas.

“Os resultados estão longe de ser uma surpresa”, garante Maria Alice. Ela explica a tendência de os jovens torcerem o nariz diante das obras literárias como uma consequência do próprio sistema de ensino brasileiro. Na sua opinião, a proposta educacional para a área, nascida nos anos 70 e baseada na Lei 5.692, não incentiva a imaginação dos alunos: “A escola apenas enfatiza a análise factual dos textos, detendo-se, por exemplo, no que um certo personagem fez em determinado capítulo”, critica.

A pesquisa junto a 179 alunos durou de março a novembro de 1989 e teve três fases. Na primeira, foi feito um levantamento que mapeou a origem sócio-econômica das várias turmas. A escolha de livros representou a segunda etapa, que por sua vez teve dois momentos: inicialmente, cada estudante podia optar pelo livro que quisesse — com exceção de poesias e contos — e passava por entrevistas individuais, que foram gravadas. “Nós lhes perguntávamos, entre outras coisas, a razão da escolha, o que ele achou do livro e a identificação com os personagens”, explica João Luís. Em seguida, a opção se restringiu a quinze títulos, definidos pela equipe da FCL a partir de critérios que iam do valor literário à popularidade da obra. Nesse último caso, as entrevistas eram feitas com grupos de dois a cinco alunos.

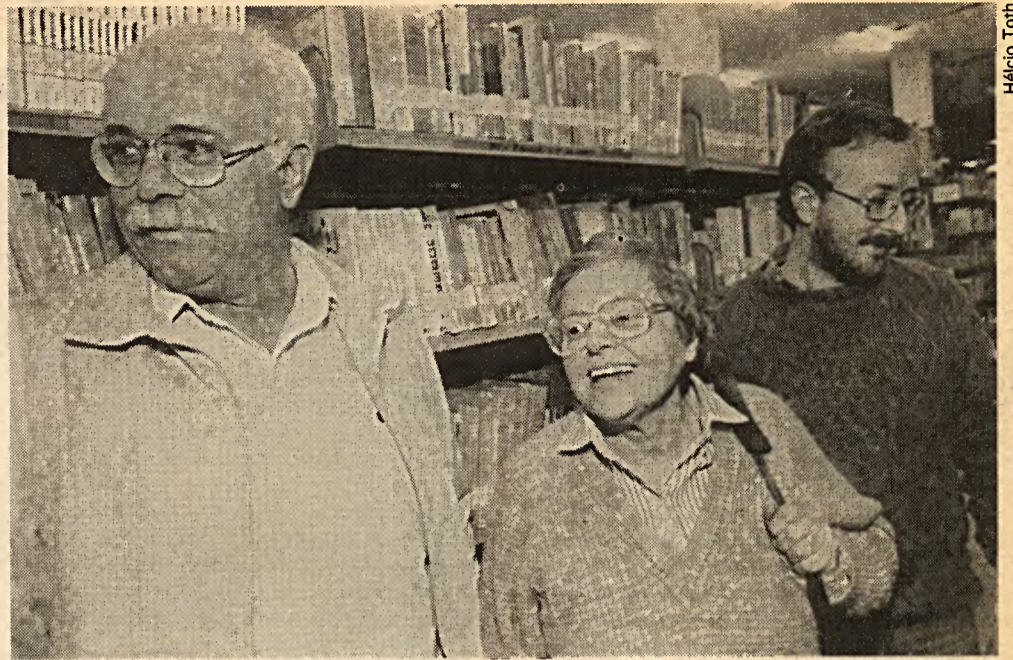
LONGE DA BIBLIOTECA

Finalmente, na terceira etapa, cada uma das seis turmas recebeu um livro para ler. De acordo com os pesquisadores, das seis obras, quatro foram relacionadas por sua qualidade estética: *Vida e Paixão de Pandonar*, o *Cruel*, de João Ubaldo Ribeiro; *Suando Frio*, de Vivina de Assis Viana; *O Sofá*, de Lígia Bojunga Nunes; e *O Caneco de Prata*, de João Carlos Marinho. *Sem Olhar para Trás*, de Lannoy Dorin, entrou na lista por sua grande vendagem e *Seqüestrado*, de Márcia Kupstas, foi indicado por fazer parte de uma coleção nova, que tem expressivo apoio publicitário de uma grande editora. Tanto na segunda como na terceira etapas, os alunos respondiam às perguntas relacionadas num roteiro de entrevista, que basicamente buscava revelar sua relação com o texto.

O panorama que se está esboçando da análise e interpretação das informações não é muito animador. Uma das constatações, por exemplo, mostra que a biblioteca está fora

do repertório de atividades cotidianas dos jovens: “Entre 144 respostas computadas, notamos que apenas dois alunos foram à biblioteca municipal procurar a obra que leriam”, registra Maria Alice, que se diz chocada com a incapacidade de muitos estudantes de simplesmente entender aquilo que o texto aborda: “Eles afirmaram que, se não houvesse uma imagem, não conseguiriam saber do que o livro estava tratando”, assinala.

A estranheza com que os estudantes olham o mundo criado pela literatura ficou evidente em muitos depoimentos. Maria Alice acha significativa a queixa de uma adolescente, que não gostou de um item do roteiro de entrevista que lhe pedia para escolher como amigo um personagem do livro que havia lido. “Existe uma flagrante dificuldade de se trazer a literatura para a realidade”, conclui ela. Presos a uma relação mecânica com o texto, os jovens leitores também passaram por cima das enormes diferenças que existem entre certas obras. “Uma tendência comum entre eles é homogeneizar tudo, encarando da mesma maneira uma história da revista *Sabrina* ou um romance de Machado de Assis”, compara João Luís. O professor recorda o caso de um aluno — o único a escolher a



Fantinati, Maria Alice e Ceccantini: aproximando adolescentes dos livros

obra machadiana *O Alienista* —, “que interpretou a ação dos personagens como uma relação de bandido e mocinho”.

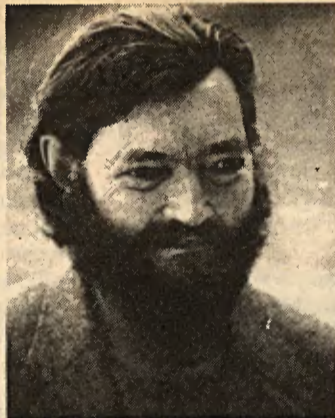
FALTA DE DISCUSSÃO

A admiração pelos que têm iniciativa e, principalmente, vencem os desafios foi outra tendência dos estudantes captada pela pesquisa. Nenhum aluno, de acordo com Maria Alice, gostou de Pandonar, o anti-herói do livro de João Ubaldo. “O contrário aconteceu em relação ao personagem principal de *O Caneco de Prata*, que supera os obstáculos agindo contra a ética”, ressalva a professora. Já as discussões sobre a obra de Lannoy Dorin, que focaliza a gravidez na adolescência, revelaram como os estudantes têm dificuldade para falar sobre temas polêmicos. “Eles querem discutir mas não conseguem expor suas idéias”, aponta Fantinati.

A equipe da FCL pretende que os alunos leiam mais — e com isso expandam sua imaginação. “Queremos fazer um trabalho de alargamento gradual do universo intelectual do estudante, através do texto literário”, acentua Fantinati. “Essa é uma proposta de formação do leitor.” (Veja quadro abaixo.) Maria Alice acredita que há espaço para pôr em prática os planos do grupo, que também conta com cinco bolsistas de iniciação científica e três recém-formados: “Os alunos, em média, são inteligentes e, na pesquisa, mostraram que são observadores, críticos e até engraçados”, afirma. No seu esforço de aproximar os adolescentes das páginas literárias, a equipe também montou um banco de dados sobre literatura infanto-juvenil. Com o objetivo de ser uma fonte de consulta para pesquisadores da área, o banco reúne resenhas de 400 livros de ficção e de obras sobre o processo de leitura. **André Louzas**



Mário de Andrade



Julio Cortázar



Thomas Mann



Machado de Assis

Fotos Arquivo

Em duas listas, os primeiros passos

Consultados sobre quais seriam os dez livros básicos indicados para adolescentes, dois docentes da UNESP fizeram suas listas de sugestões. Raul Fiker, da Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara, deu a sua relação ressaltando que ela inclui os mais acessíveis entre os melhores romancistas. “Depois de ler esses livros, o estudante poderá ter contato com Joyce, Proust ou Guimarães Rosa”, acredita. Na sua indicação, Aguinaldo Gonçalves, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto escolheu obras não muito extensas e com temática acessível para os jovens: “Optei por textos com uma proposta de crítica psicossocial”, esclarece.

A lista de Raul Fiker:

- 1 - Thomas Mann, *A Montanha Mágica*
- 2 - Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*
- 3 - Eça de Queiroz, *A Ilustre Casa de Ramires*
- 4 - Samuel Beckett, *Murphy*
- 5 - Stendhal, *O Vermelho e o Negro*
- 6 - Balzac, *Ilusões Perdidas*
- 7 - Joseph Conrad, *Lord Jim*
- 8 - Charles Dickens, *As Grandes Esperanças*
- 9 - Dostoiévski, *Os Irmãos Karamazov*
- 10 - Tolstói, *Guerra e Paz*

A lista de Aguinaldo Gonçalves:

- 1 - Mário de Andrade, *Contos Novos*
- 2 - José Lins do Rego, *Menino do Engenho*
- 3 - *Conto Brasileiro Contemporâneo* (coletânea com autores como Clarice Lispector, João Antônio e Moacyr Scliar)
- 4 - Fernando Sabino, *O Menino no Espelho* (ou *Encontro Marcado*)
- 5 - Luís Fernando Veríssimo, *Crônicas*
- 6 - Rubem Braga, *Duzentas Melhores Crônicas*
- 7 - Carlos Drummond de Andrade, *Cadeira de Balanço*
- 8 - García Marquez, *Crônica de uma Morte Anunciada*
- 9 - Julio Cortázar, *Histórias de Cronópios e de Famas*
- 10 - J.D. Salinger, *O Apanhador no Campo de Centeio*